



le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



OBRAS POSTHUMAS

DE

A. GONÇALVES DIAS.

—

II.

8. LEIZ—Imp. por B. de Matos, Typ. rna da Paz, 5 e 7.

OBRAS POSTHUMAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

PRECEDIDAS DE UMA NOTICIA SOBRE SUA VIDA E OBRAS

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

VOLUME II.



S LUIZ DO MARANHÃO.

1867.

A viuva de A. Gonçalves Dias reserva para si todo o direito de propriedade, que lhe confere a lei, sobre éstas e as obras ja impressas do autor, e procederá contra quem vender exemplares das OBRAS POSTUMAS que não forem assignados pelo impressor—Bellarmino de Mattos.

B. de Mattos

ECHOS

D'ALÉM-MAR:

TRADUCÇÕES

DE

A. GONÇALVES DIAS.

I—A NOIVA DE MESSINA.

II—POESIAS LYRICAS DE DIVERSOS.

ADVERTENCIA.



Preparava-se Gonçalves Dias para publicar com o titulo de ECHOS D'ALEM-MAR uma série de volumes de traducções de poesias notaveis, com a singularidade de serem feitas por penhas brasileiras, aproveitando para isso o que de bom corria já impresso, como a *Merope* e o *Tancredo* de Voltaire, pelo mavioso e classico Odorico Mendes, o *Roubo da madeixa* de Pope por F. J. P. Guimarães, e colleccionando muitas outras ineditas, a mór parte de lavra propria, quando veio a grave enfermidade que tanto contribuiu para encurtar-lhe os dias embargar-lhe o intento. Pretendia pôr como remate a tão importante collecção um estudo analytico e comparado da litteratura dos principaes povos de origem latina e germanica, e de suas linguas, com a portugueza, o que seria por certo trabalho aprimorado e de pulso como de quem era.

Doente, ainda assim deu comêço no Rio á impressão do primeiro volume de seus *Echos d'Alem-Mar*, e chegado que foi á

Europa, tentou imprimir o segundo, ficando quer aquelle, quer este nas primeiras folhas.

Dou hoje á estampa e em um só volume todas quantas versões d'elle chegaram-me ás mãos, restando-me o pezar de apresentar a da *Noiva de Messina* pelo autographo que possuo, e não com a última lima e polimento que já lhe havia elle dado, como se collige das cartas, que dirigiu-me e que para aqui transcrevo, porque essa cópia perdeu-se no infausto naufragio de 3 de novembro de 1864, ou occulta-a quem apoderou-se até hoje de outros escriptos do poeta salvos das aguas do oceano.

«Conclui (escreven-me de Vichy a 5 d'agosto de 1862) a traducção da *Noiva de Messina* em viagem, e posto que se resinta do estado em que me via quando a conclui, ainda assim pôde servir.»

A 21 de novembro do mesmo anno, e já de Dresde accrescenta: «A *Noiva de Messina* sahirá tambem para fóra (refere-se á publicação dos *Echos*), querendo Deus. Esta é tua, podes tomar nota do offerecimento».

«Occupo-me agora (a 20 de dezembro de 1863)—isto é—quando posso trabalhar, com a tua *Noiva de Messina*. Está completa, mas a última parte, como te disse, ficou em seu tanto hydroptica para se harmonisar com o estado em que me achava, quando a conclui á bordo do *Condé*. Como porém o trabalho em pasta é uma especie de corcoma, ou de rémora, que se apega ao espirito, vou pol-a de fóra apenas se me desvanecerem os receios de uma nova camada de rheumatismo.»

Esta traducção, começada no Ceará, continuada aqui, e nas viagens pelo Amazonas, e terminada nas aguas do Mediterraneo, era a filha mimosa do poeta. Consagrava-lhe os melhores momentos, empregava toda a sua sciencia da lingua alleman, que estudára séria e profundamente, e os recursos variados da lingua de Camões, em tornal-a tão louçan e peregrina qual a escrevêra Schiller. O manuscripto por que faço ésta publicação bem que do mestre não recebeu a última de mão, ainda assim é uma obra digna de admiração e do cantor dos nossos indigenas, como melhor a apreciarão os entendidos.

Com o respeito que é devido ao poeta, entreguei estes escriptos ao prélo, sem lhes tocar de leve sequer nem nos pequenos senões, pondo aliás em notas, como variantes, os versos que vinham emendados, porque entendo que os ultimos pensamentos d'aquelle grande genio devem ser conservados como sagrados e illesos de toda a mão impura.

A. H. LEAL.

A NOIVA DE MESSINA

OU

OS IRMÃOS INIMIGOS;

TRAGEDIA COM CÓROS

POR

J. SCHILLER.

VERTIDA DO ALLEMÃO

POR

A. GONÇALVES DIAS.

PERSONAGENS.

DONA [~]ISABEL, princeza de Messina .

DOM MANOEL, }
DOM CESAR, } seus filhos.

BEATRIZ.

DIOGO.

MENSAGEIROS.

O CÔRO, composto do sequito de ambos os irmãos.

OS ANCIÕES, personagens mudos.

A NOIVA DE MESSINA.

A scena representa uma grande sala ornada de columnas: entradas de ambos os lados: no fundo uma grande porta, que conduz a uma capèlla.

D. ISABEL, de luto pesado e em torno della os ANCIÕES de Messina,

D. ISABEL.

D'entre as soturnas salas de meos paços,
Anciões de Messina venerandos,
Para fallar-vos saíio,—ante vós outros
O rosto descobrindo, não por grado,
Mas cedendo dos tempos á estreitesa:
Que á viuva convém, que o amado esposo
Perdeo, da sua vida luz e glória,
No retiro occultar do mundo aos olhos
O dó que arrasta, em negro crepe involta.
Comtudo, omnipotente, inexoravel
Deste momento a voz imperiosa
Á luz, que odeio, me retraz de novo.
—Não duas vezes tem a lua as fases
Renovado, depois que o regio esposo
Conduzi ao seo ultimo jazigo;

Esse que poderoso aqui mandava
 E em cujo braço forte apoio achaveis
 Contra o mundo, que hostile vos é d'entorno,
 Já não existe mais, senão sua alma,
 Que sobrevive em dois heróes valentes.
 Filhos illustres, de Messina orgulho.
 Crescêrão entre vós em brio e forças,
 Vós o vistes; mas ainda mal, com elles,
 D'incognita, fatidica semente,
 Odio infausto d'irmãos tambem crescia,
 Que a juvenil concordia espedaçando
 Medrou feroz na madurez dos annos!
 Ah! nunca me alegrei de os ver conformes!
 Trouxe-os aos peitos com amor a ambos,
 Iguaes, entre ambos, partilhei caricias,
 Com filial amor sei que me acatão,
 E neste só querer os vejo unidos:
 No mais sangrentas brigas os separão.
 — Certo, em quanto temido o pai vivia,
 Com justiça d'igual severidade,
 Respeito impunha á violencia d'ambos,
 E sob um jugo só, mas ferreo, unindo-os,
 Os porfiosos animos curvava.
 Não devêrão com armas encontrar-se,
 Nem pernhoitar jámais no mesmo tecto!
 Assim, por certo, prevenia o Principe
 Com lei severa e forte o rompimento
 De seos instinctos féros: mas d'essa arte,
 Incorrigido, no amago do peito

O odio lhes deixava. Em pouco estima
 O possante, obstruir fonte que nasce,
 Quando pode á torrente impôr barreiras
 —A consequencia foi que mal os olhos
 A morte lhe cerrava, e a mão robusta
 Não os conteve mais, o odio antigo
 Como fogo d'incendio comprimido,
 Em fragoa e chammas se revela. Digo
 Cousas, que todos vós testemunhastes;
 Desune-se Messina, voz tomando
 Por um, por outro; dos irmãos a luta
 Rompeo da natureza os sanctos laços,
 Do individuo ás paixões soltando as redeas.
 Oppoz-se o ferro ao ferro; esta cidade,
 Convertida n'um campo de batalha,
 Tè nestes atrios vio correndo o sangue!
 —Vistes rotos os vinculos do Estado;
 Mas não meo coração que se partia:
 E os publicos desastres lamentando,
 Sem se vos dar das afflicções maternas,
 Estas duras palavras me dissestes:
 «Tu vês que de teos filhos a contenda
 «A cidade retalha em civis bandos,
 «Que de visinhos máos se vê cercada
 «E só pela união resiste á força.
 —«Tu pois que és sua mãe, vê como aplacas
 «De teos filhos o odio encarniado;
 «A nós, homens pacificos, qu'importa
 «Que os senhores contendão? Pois devemos

«Per'cer porque teos filhos se mal querem?!
 «Tomaremos conselho de nós mesmos:
 «E a outro senhor havemos dar-nos,
 «Que o nosso bem consulte, e havel-o queira.»
 —Assim fallastes vós impassivos,
 Cuidando em vós sómente, e em vossos lares,
 E a publica desgraça arremeçastes
 Sobre este coração, que a dor materna
 E cuidados de mais acabrunhavão.
 O que não era de esperar—tentei-o!
 Espedaçado o coração, lancei-me
 Entre esses furiosos,—paz gritando!
 Sem receio, sem pausa, sem descanso,
 Aperto, insisto, junto d'um e de outro,
 Té que á força de supplicas consigo
 Accordal-os a que nestas muralhas
 De Messsina, de seus avós no alcaçar
 Não imigos se encontrem rosto a rosto,
 Caso novo, depois de morto o Principe.
 —É hoje o dia: o mensageiro aguardo
 Com annuncio da proxima chegada.¹
 —Apercebei-vos pois p'ra recebê-los²
 Com submissão, qual a vassallos cumpre.
 Do que é vosso dever curai sómente,
 Que nós daremos providencia ao resto.
 Fatal á terra e para elles proprios

¹ VARIANTE.—Com annuncio de quando se approximão.
 VAR.—Fazei-vos préstes pois a recebê-los.

Arriscada—era a luta; mas unidos,
 Congraçados, serão, quanto é bastante,
 Fortes a proteger-vos contra o mundo
 E a seo direito haver—contra vós mesmos.

Os anciões retirão-se em silencio de braços cruzados. Ella accena a um velho creado para que fique.

D. ISABEL, DIOGO.

D. ISABEL.

Diogo.

Diogo.

O que mandais?

D. ISABEL.

Ab! leal servo.

Sincero coração, mais perto—escuta:
 Tiveste parte em minha dor e magoas,
 Ora, que sou feliz, minha ventura
 Compartilha tambem, tu, confidente
 Do meo segredo sancto, amargo e doce.
 É chegado o momento, em que podemos
 Á luz do sol manifestal-o—há muito
 Que eu dentro em mim reprimo os violentos
 Da natureza impulsos, constrangida

D'uma vontade superior á minha.
 Pode agora a sua voz livre elevar-se.
 Qu'inda hoje serão pagos meos desejos,
 E esta casa, deserta ha tanto tempo,
 Hade reunir, quanto me resta caro.
 —Tu pois dirige o teo pela velhice
 Andar tardio aos conhecidos claustros.
 Que o meo thesouro precioso guarda.
 Tu m'o recataste ali furtivo, ¹
 Para melhor occasião, prestando
 Esse triste serviço a mim mais triste.
 Agora restitue á mãe ditosa

Ouve-se ao longe som de trombetas.

O seo caro penhor; mas dá-te pressa,
 Possa a alegria remoçar-te os passos.
 Escuto o som das bellicas trombetas
 Que-de meos filhos m'annuncia a entrada.

Diogo sae. Ouve-se de dous lados differentes a musica a approximar-se
 cada vez mais.

Messina se alvoroça! escuto os echos
 De confuso clamor, que se aproxima!
 São elles, certo: o coração materno
 Vehemente pulsa inebriado, e cria
 Novas forças do seo achegamento.
 São elles, certo! Ó filhos meos queridos!

Sae.

¹ VAR.—Tu ali m'o poseste a bom recado,

CORO, *entra*

Compõe-se de dois sim-córos que entram ao mesmo tempo por dois lados diversos — um pelo fundo, e o outro pelo proscenio; girão em volta do palco e se infleirão cada um do lado por onde entrão. Um dos córos compõe-se dos velhos, o outro dos moços cavalleiros, e se distinguem por côres e divisas differentes. Quando se achão em frente um do outro, cessa a marcha, e fallão os coripliesos.

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

Com fundo acatamento eu vos saúdo
 Porticos pomposos,
 E vós, de meos senhores
 Regio, augusto berço,
 Columnatas d'abobeda soberba!
 Embainhada a espada
 Descance em ocio agora,
 Jaza ante estes portaes agrilhoado
 O monstro da discordia angui-comado!
 Da casa hospitaleira
 O limiar é sancto;
 Que o guarda o Juramento,
 Deos, d'Erynuis filho
 Terrivel entre quantos conta o Averno!

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*).

Dentro do peito o coração me pulla
 Raivoso e para a luta me aguillioa.
 Pois que eu vejo a cabeça de Meduza
 Do imigo meo no aborrecido aspecto.

Do sangue a agitação contemho á custo!
 Devo outorgar-lhe as honras da palavra,
 Ou me entrego da cholera aos assomos?!
 Porém terror me incutem as Eúmenides,
 Que este logar protegem
 E a paz divina escudão!

PRIMEIRO CÔRO.

Cabe á velhice
 Melhor proposito:
 Eu mais prudente
 Fallo primeiro.

Para o segundo côro.

Sê tu bemvindo,
 Pois um sentir fraterno,
 Igual ao meo provando,
 Deste real alcaçar
 Os protectores deoses
 Com reverencia acatas.

Já que amigos os principes conferem,
 Trocaremos tambem inoffensivas
 E tranquillias, pacificas palavras,
 Que a palavra tambem de muito presta.
 Mas se fóra t'encontro em campo aberto,
 Então sangrento se renove o prélio,
 E a coragem c'o ferro s'experimente!

TODO O CÔRO.

Mas se fóra t'encontro em campo aberto,
Então sangrento se renove o prelio,
E a coragem c'o ferro s'experimente !

PRIMEIRO CÔRO.

Eu não t'odeio, nem tu m'és contrario;
Do mesmo sólo somos todos filhos:
Aquelles sim que são de raça estranha.
Mas s'entre si os Principes contendem.
Havemos de matar-nos sem piedade:
Tal é a lei, e o direito o exige.¹

SEGUNDO CÔRO.

Importa-vos saber porque movemos,
Eivados d'odio, encarniçadas lutas?
Não curo disso, uma rasão me basta:
Nós em suas batalhas temos parte,
Porque bravo não é, nem homem d'honra
Quem de seos chefes não resente o aggravo!

TODO O CÔRO.

Nós em suas batalhas temos parte.

¹ VAR.—É isso a lei; isso o direito exige.

Porque bravo não é, nem homem d'honra
 Quem de seus chefes não resente o aggravo!

UM DO CÔRO (*Berenquer*).

Ouvi quanto eu considerei commigo
 Quando desoccupado divagava
 Entre os regos de trigo fluctuante
 Todo em meo pensamento embevecido!
 —Mas reflectimos no furor da luta,
 Nem adoptamos o melhor consellio
 Porque do sangue a ebullição nos cêga.
 —Não são acaso estas cearas nossas,
 Estes olmos de vides entrançados,
 Do sol que nos aclara não são filhos?
 Não podemos acaso em goso ameno
 Satisfeitos passar innocuos dias
 Ganhando a facil vida alegremente?
 Porque assim pois levamos furibundos
 Mãos das espadas, pela raça estranha,
 Que direito não tem sobre este sólo?
 Em náos possantes nos chegou de longe,
 Donde colora o sol o roxo occaso,
 Hospedeiros a temos acolhido.
 Isto é, nossos avós, hã já bem tempo;
 E agora, eis-nos em servos convertidos,
 Vassallos dessa raça forasteira!

OUTRO DO CÔRO (*Manfredo*)

Certo habitamos um torrão bemdito,
 Sobre que brilha o sol no eterno gyro
 Com sempre amiga luz, e bem podemos
 Descançados fruil-o em goso ameno,
 Elle porém muralhas não tolera;
 Antes o mar nas circumfusas vagas
 Parece convidar o audaz corsario,
 Que as nossas praias sem cessar devassa, ⁴
 Enlevos do estrangeiro, os bens que temos
 Só lhes agução a cubiça e o gladio,
 Nós no patrio sólo escravos somos,
 Pois que elle aos filhos proteger não pode!
 Não, não é onde ri-se a loira Ceres,
 Nem pacifico Pan, dos campos guarda,
 Mas onde o ferro nas mineiras cresce,
 Surgem d'ali os que dão leis á terra.

PRIMEIRO CÔRO.

Não igual a fortuna os dons reparte
 Entre a raça dos homens fugitiva!
 Porém a natureza sempre justa
 Do mercado a abundancia nos concede
 Que ella feraz e próvida renova!
 Vontade ferrea, força incontractavel

⁴ VAR.—Que as nossas costas de continuo crusa.

Foi d'outros o quinhão. Abroquelados
 D'uma energia indomita e pujante,
 Quanto lhes pede o coração perfazem
 Com poderoso estrondo enchendo a terra.
 Mas ah, que onde as alturas mais s'empinão
 É mais profunda e mais ruidosa a quéda!
 —Por isso fólgo de ser tão pequeno,
 Abrigando-me á sombra de meo nada.⁴
 A hibernal corrente impetuosa,
 D'infinito granizo entumecida
 Ou das aguas que os céos em jorros soltão,
 Vem despedida com fragor ingente,
 Arrasa diques, pontes, e treveja
 No marulho das ondas. Nada pode
 Impecer-lhe? Mas do momento filhos,
 Os traços do seu curso formidavel
 Vão pouco e pouco a se perder n'areia,
 Deixando por signaes sómente estragos.
 Os senhores estranhos vem, mas passão,
 Obedecemos nós, porém ficamos.

Abre-se a porta do fundo. Aparece D. Isabel entre os seus dois filhos
 D. Manoel e D. Cesar.

AMBOS OS CÓROS.

Louvor e honra seja
 A quem ali s'eleva

⁴ VAR.—Que me é proteção minha fraquesa.

Igual ao sol brilhante. Eu respeitoso
 Perante a face augusta me ajoelho.

PRIMEIRO CÔRO.

Bello é da lua o resplendor suave
 Entre o brilho de estrellas scintillantes:
 Bella a materna, amavel magestade
 Á par da força e d'hardidez dos filhos;
 Nem sobre a terra
 Cousa ha que imagem tal exceda ou iguale.

SEGUNDO CÔRO.

Ella vê, satisfeita, levantar-se
 Do proprio seio uma arvore florida.
 Cujas vergontas brotarão eterno;
 E alegra-se, que é mãe d'uma familia,
 Que haverá, bem como o sol d'enclier seu curso ⁴
 E dar um nome ao tempo fugitivo!
 Dispersão-se os povos,
 Os nomes s'extinguem,
 O olvido pesado
 Sobre as raças toda:
 As largas azas côr da noite estende,
 Porém dos Principes
 As fronte solitarias

⁴ VAR.—Que hade, como o sol, fazer seo gyro.
 4

Brilhão sublimes! ¹
 A aurora as alumia
 C'os eternos raios
 Como do mundo os pincares altivos!

D. ISABEL. avançando entre os dois filhos.

Olha do alto céu, rainha augusta,
 Modera o meo transporte, que o meo peito
 De soberbo não pulse entumecido!
 Facil se esquece a mãe, que o lusimento
 Dos filhos seos em extasis contempla,
 E esta é, desde que os tive, a vez primeira,
 Em que eu da minha dita a plenitude
 Abranjo inteiramente; que até hoje,
 Do meo amor as effusões partindo,
 Carecia olvidar o filho ausente
 Para alegrar-me do conspecto do outro.
 Oh! meo amor de mãe é um sómente:
 Porém meos filhos forão sempre dois,
 Disei-o! Sem temer posso entregar-me
 Á violencia do peito inebriado?

Para D. Manoel.

Quando a fraterna mão, amiga apêito
 Da inveja co'o punhal te cravo o peito?

Para D. Cesar.

Quando de o contemplar me regosijo,

¹ VAR. — Resplendem claras;

Roubo-te acaso?—Oh! força é que eu tema
Que o amor que vos tenho apenas sobre
Com mais violencia do vosso odio a chamma!

Depois de os interrogar a ambos com o olhar

O que de vós devo esperar? Dizei-o!
Com que animo ou proposito aqui viestes?
Acaso o inflexivel odio antigo
Aos tectos paternaes traseis de novo.
E fóra destas portas vos espera
A guerra, por um momento sujgada.
A morder tão sauluda o bronzeo freio.
Que apenas me tendeis voltado as costas.
Haverá com mór furia de soltar-se?

Côro (*Bohemundo.*)

Ou paz ou guerra! ainda as sortes jazem
Baralhadas no seio do futuro!
Isso porém vai decidir-se em breve
Qu estamos para tudo aparelhados!

D. ISABEL percorrendo com os olhos toda a scena.

Que temeroso, marcial aspecto!
Estes homens que querem? Nestas salas
Dispõe-se uma batalha? ou de que serve
Turba de estranhos, quando minha mãe deseja
Abrir o coração ante seus filhos ?!
Pois até junto a mim mostrais receio

De fallaz trama, de traição perversa
 Para com tal resguardo precaver-vos?!
 Oh! que esses feros homens que vos seguem,
 Violentos instrumentos de vossa ira,
 Amigos vos não são: nem julgueis nunca
 Qu'esses taes para o bem vos aconselhem
 Com intenção louvavel. Como podem
 Acordes ser de coração comvosco,
 Vós—estranhos, linhagem d'invasores,
 Que os expellistés da paterna herança
 E firmastes aqui vosso dominio?
 Crede-mé! Todos amão viver livres,
 Segundo as proprias leis. Dominio estranho
 Á custo se tolera. Só á força,
 Por medo só, a sujeição vos rendem,
 Que aliás com praser refusarião.
 Conhecei-os por fim quaes sejam falsos,
 Descaraveis, com praser maligno
 Da vossa dita e elevação se vingão,
 A ruina do senhor, do chefe a quêda
 É-lhes mote a canções, thema a diseres,
 Que de filhos a netos vão narrando,
 Com que os longos serões do inverno encurtão!
 —Oh! filhos meos! hostil e falso é o mundo,
 E mal intencionado! Ama somente
 Cada qual a si proprio. Incertos, frouxos
 E variaveis são os laços todos
 Que da fortuna aligera são filhos.
 O que o capricho atou, solta o capricho;

Leal só natureza: ella somente
 Firme repousa em ancoras eternas,
 Em quanto sobre as ondas procellosas
 Da vida, tudo mais fluctúa instavel.
 —Amigo a inclinação, socio o proveito
 Nos grangeia. Feliz porém daquelle
 Que um irmão deve ao berço! Não lh'o pode
 Outorgar a fortuna—tem congenito
 O amigo, que duplicado, contra um mundo
 D'engano, e guerras cheio se abalança!

CÔRO (*Caetano.*)

Grande é por certo, confessional-o devo,
 D'uma rainha o pensamento augusto!
 Sobre as acções e agitação dos homens
 Sagaz discorre; a nós pelo contrario,
 Confuso empenho á vida desregrada,
 Irreflectidos, cegos nos arrasta.

D. ISABEL para D. Cesar.

Tu, que brandiste contra o irmão a espada,
 Olha em torno de ti, olha essa turba;
 E dise se ali vês feições mais nobres?

Para D. Manoel.

Entre esses a quem dás de amigo o nome,
 Ha quem com teu irmão corra parellhas?
 Modello cada qual da sua idade

Nenhum cede, nenhum excede ao outro.
 Ousai enfim d'olhar-vos rosto a rosto!
 Ó loucura dos zelos e da inveja:
 A esse, entre milhares, escolhido
 Houveras para amigo; contra o seio
 Como ente excepcional o apertarias:
 E quando a sacrosaneta natureza
 T'o deo, quando no berço em mimo o achaste.
 Tu criminas contra o proprio sangue,
 Calcas aos pés seus dons com cego arbitrio.
 Para lançar-te d'homens mãos nos braços.
 Para alliar-te a estranhos, a inimigos.

D. MANOEL.

Escuta, Senhora!

D. CESAR.

—Escuta!

D. ISABEL.

—Basta!

À taes lutas palavras não põem termo.
 Aqui—o meo e o teu, vingança e culpa
 Descrimes não consentem.— Pois quem pode
 Achar o antigo leito da corrente
 Sulphurea, que expandio o atroz incendio?

D'um soterraneo fogo temeroso
 É tudo parto. O que não foi queimado
 De rescaldos de lava jaz coberto,
 E um passo mais que deis vos leva ao abysmo!
 —Um pensamento só vos quero n'alma:
 O mal que o homem feito irroga ao homem,
 Esse mal, quero crêl-o, não se esquece.
 Não se perdôa facil. Quer o homem
 Guardar seu odio, e neuhum tempo muda
 O proposito que adopta circumspecto.
 Mas de vossas porfias desce a origem
 Á temporã, desrasoada infancia!
 Tal época devera desarmar-vos.
 As causas prescrutai de taes discordias
 Não as sabeis, ou, se atinais com ellas.
 Tereis pejo de vãos agastamentos.
 E todavia são da infancia as brigas
 Prolongadas em misera cadeia,
 Que a taes calamidades nos trouxerão!
 Que os feitos máos té hoje acontecidos
 São da suspeita e da vingança filhos!
 E vós ainda quereis ir por diante
 Com lutas infantis, quando sois homens?!

Pegando nas mãos a ambos

Eia, pois, filhos meos, determinai-vos
 A dar por saldas vossas mutuas contas.
 Que tambem são reciprocos os aggravos.
 Magnanimos, heroicos, esquecei-vos
 Da incomportavel, desmarcada affronta.

Nada ha mais sancto que o perdão. Na campã
 Lançai de vosso pai antigos odios,
 Filhos da juvenil quadra immatura,
 E começai de agora um viver novo.
 Ao amor, á concordia, á paz votado!

Recua um pouco como para lhes dar espaço de se approximarem um do outro. Ambos permanecem immoveis com os olhos fitos no chão.

CÔRO (*Caetano*).

Attentos sêde aos maternaes conselhos,
 Que em verdade solemnes são seos ditos.
 Baste-vos isso, e ponde termo á luta;
 Ou, se mais vos apraz, prosegui nella:
 O que aceito vos fôr, temos por justo,
 Vós os senhores sois, nós os vassallos.

D. ISABEL, Depois de estar calada por algum tempo e tendo de balde esperado alguma manifestação da parte dos filhos, prosegue com voz suffocada.

Não sei mais que diser. Tenho esgotado
 Todo o poder de exhortações e preces.⁴
 No tumulto jaz quem vos continha á força,
 E eu, vossa mãe, fraca entre vós me sinto!
 —Sois livres! conclui. Obedecendo
 Ao demonio que cegos vos arrasta
 Sem respeito ao altar dos deoses lares,

⁴ VAR — Armas d'exhortações, poder de supplicas &c.

Convertei este paço, onde nascestes,
 Em theatro dos mutuos assassinos.
 Ante o materno olhar exterminai-vos,
 Por vossas proprias mãos, não por estranhas!
 Corpo a corpo, como os irmãos thebanos,
 Enlaçai-vos n'um circulo de ferro,
 Lutai, em furia ardendo, encarniçados.
 Trocai vida por vida—venção ambos
 Enterrando o punhal no peito do outro.
 Nem sane tal discordia a propria morte,
 Antes do fogo a ensanguentada chamma,
 Que do funereo rógo ha de elevar-se,
 Em bipartidas linguas se repillão,
 Da vossa morte e vida atroz simulacro!

Sae

Os dois irmãos permanecem no mesmo apartamento um do outro.

OS DOIS IRMÃOS, os CÓROS.

CÔRO (*Caetano*).

São palavras somente o que ella disse;
 Porem palavras taes que me quebrarão
 No bronzeo peito a varonil audacia.
 Eu nunca derramei propinquo sangue,
 Puras aos ceos as mãos levanto ainda:
 Vós sois irmãos, pensai no resultado.

D. CESAR, sem encarar o irmão.

Falla primeiro tu, que és o mais velho.
Sem desar ceder posso ao primogenito.

D. MANOEL na mesma posição.

Falles emboça, qu'eu de bom grado sigo
O nobre exemplo do irmão mais moço,

D. CESAR.

Não é porque eu me julgue mais culpado,
Nem porque menos forte me conheça...

D. MANOEL.

Sobra a D. Cesar animo: fallára
Mais sobranceiro, a se julgar mais fraco!

D. CESAR.

Pois tens de teu irmão um tal conceito?

D. MANOEL.

Demasiado orgulho temos ambos:
Não te humilhas jamais: eu nunca mintó.

D. CESAR.

Meu alto coração desdens não soffre:
 Mas no furor d'exacerbados prelios,
 Sei que de teo irmão pensavas nobre.

D. MANOEL.

Nem queres minha morte: eu tenho provas.
 Offreceo-se-te um monge a assassinar-me,
 Cobarde e vil, tu ao traidor puniste!¹

.....

¹ No manuscripto faltão algumas linhas que para comprehensão do entreccho dou para aqui em má prosa:

D. CESAR (*approximando-se um pouco*)—Quantas desgraças teria poupado, se ha mais tempo te conhecesse!

D. MANOEL.—Se d'antes soubesse quão facil de serenar era teo coração, teria evitado as angustias por que tem passado nossa mãe.

D. CESAR.—Tinhão-me dito que eras sobremodo orgulhoso.

D. MANOEL.—É infelicidade dos grandes que os que o cercão captam-lhe a confiança.

D. CESAR (*com vivacidade*).—É bem verdade, toda a culpa é dos que nos servem!

D. MANOEL.—Que trazião-nos separados por mutuo e amargo odio.

D. CESAR.—E por toda a parte assoalhavão maledicencias.

D. MANOEL.—E envenenavão nossas açções, interpretando-as para o mal.

D. CESAR.—Entretinhão aberta a chaga que lhes cumpria curar.

D. MANOEL.—Nutrião a chamma que devião apagar.

D. CESAR.—Eramos enganados e transviados.

D. MANOEL.—Cegos instrumentos de paixões alheias que fomos!...

PRIMEIRO CÔRO para o segundo (*Caetano*).

Que fazemos nós aqui inda estremados,
Quando amigos os principes se abração?

Ambos os choros se abração. — Entra um mensageiro.

D. CESAR. — Certo, e para onde quer que nos voltemos só encontramos traição. . . .

D. MANOEL. — E falsidade: já o disse nossa mãe, podes acreditar-a.

D. CESAR. — Pois bem, quero apertar essa mão de irmão (*apresenta-the a mão*)

D. MANOEL (*apertando-a com vivacidade*) — É a tua a que mais prezo no mundo. (*De mãos dadas, encarão-se em silencio*)

D. CESAR. — Observo-te cheio d'espanto por encontrar em ti as feições queridas de minha mãe.

D. MANOEL. — Descubro por minha parte em ti parecenças que assaz me commovem.

D. CESAR. — Engano-me ou serás em verdade tu que com tanta blandícia e palavras tão boas acolhes teu irmão mais moço?

D. MANOEL. — Este mancebo tão meigo e tão amistoso será por ventura aquelle malevolo e aborrecido irmão? (*Novo silencio. Olha um para o outro.*)

D. CESAR. — Pretendias possuir aquelles cavallos arabes, que erão de mim pai? Recusei-t'os.

D. MANOEL. — Se fazes empenho em ficar com elles, muito embora.

D. CESAR. — Não, cedo-t'os, bem como o carro de nosso pai. Obsecro-te que tomes conta d'elles.

D. MANOEL. — Concordo n'isso contanto que aceites esse palacio á borda do mar, cuja posse custon-nos renhidas lutas.

D. CESAR. — Não o quero, e ficarei satisfeito em morar n'elle contigo como bons irmãos.

D. MANOEL. — Aceito, e para que dividir os bens quando estão os corações unidos!

D. CESAR. — Para que vivermos por mais tempo separados, quando unidos seremos, cada um, mais rico?

D. MANOEL. — Não estaremos mais separados, senão unidos. (*Abraça-o estreitamente*)

PRIMEIRO CÔRO. — Que fazemos nós aqui inda estremados,
Quando amigos &. (*Segue o mais como está no texto.*)

Seguindo o seu exemplo paz t'offereço ¹
 Porque havemos eterno d'odiar-nos?

OS MESMOS e o MENSAGEIRO.

SEGUNDO CÔRO para D. Cesar (*Bohemundo*).

Aquelle que a pesquisas despachaste,
 Vejo que volta. Parabens, D. Cesar,
 Do Mensageiro o olhar ledô scintilla,
 Prósperas novas são as que te aguardão.

MENSAGEIRO.

Feliz de mim! feliz desta cidade
 Isenta já de maldições: meos olhos
 De vêr momento tal se regozijão!
 Amigos praticando, de mãos dadas,
 Filhos de meo senhor, eu vejo os príncipes,
 Que eu em combates asperos deixára!

D. CESAR.

Tu vês qual brota o amor das chammas do odio,
 Como das cinzas renascida phenix.

¹ VAR.—O seo exemplo sigo e paz te offereço.

MENSAGEIRO.

Eu a tal dita nova dita ajunto,
De frescas palmas meo bastão s'enflora¹

D. CESAR, levando-o áparte.

Que novas trases, falla ?

MENSAGEIRO.

—Este dia
Reunir quanto é jocundo se me antolha.
Aquella que perdeste, a quem buscavas.
Foi achada, Senhor, nem longe pára!

D. CESAR.

Achada! e onde está? Oh! dise-o prestes.

MENSAGEIRO.

Nesta mèsma cidade ella se occulta.

D. MANOEL voltando para o primeiro côro.

Alto rubor de meo irmão as faces

¹ VAR.—De nuncio o meo bastão verde s'inflora.

Acalora, e seo olhar scintilla:
 O que é não sei, mas que se alegra noto,
 E eu com o seu praser tambem me exulto.

D. CESAR para o Mensageiro.

Guia-me.—Adeos, D. Manoel, té breve,
 De nossa mãe nos braços nos veremos:
 Negocio urgente me reclama allhures.

Vai para sair.

D. MANOEL.

Vai: e dirija-te a fortuna os passos!

D. CESAR reflecte e volta.

D. Manoel, mais do que disel-o posso,
 Teu conspecto me alegra: já presinto
 Que havemos ser de coração amigos.
 E que mais forte e ledó vai soltar-se
 O ha tanto tempo comprimido affecto:
 Por mim, repararei perdidos dias.

D. MANOEL.

De bellos fructos são indicio as flores!

D. CESAR.

Não é justo, bem vejo, e m'ò crimino,
Que eu desde já me arranque de teos braços;
Porem não penses que eu mais tibio sinta
Por que horas tão felizes abrevio.

D. MANOEL *com distração visivel.*

Obedece ao momento. D'hoje avante
Inteira nossa vida ao amor pertence.

D. CESAR.

Se te revelo a que negocio parto! . . .

D. MANOEL.

Dá-me o teo coração: guarda os segredos!

D. CESAR.

Nenhum segredo mais entre nós paire:
Cedo os ultimos véos hão de rasgar-se!

Voltando-se para o côro.

—Eu vol-o digo, afim que o saibais todos:
Jaz entre mim e o amado irmão extincta
A luta: e pois como offensor declaro.
E mortal inimigo, a quem eu heide

Aborrecer, como do inferno as portas
 Quem da discordia á cinza esmorecida
 Soprar a nova chamma. Não espere
 Ninguém—de me aprazer, de ser-me grato.
 Porque ousa diser mal do irmão querido,
 Ou alem desse alvo, e simular desvellos,
 Arremeça do enredo a frecha amarga.
 —Sobre os labios raiz a voz não cria.
 Que inopinada escapa á acesa cholera.¹
 Mas se a colhem ouvidos suspeitosos,
 Então como erva má se estende e lavra,
 Té que em liames cinge, abafa o peito,
 Donde provém que os bons, qu'inda os melhores
 Em deploraveis desacertos ruem!

Torna a abraçar o irmão e sae acompanhado do segundo côro.

D. MANOEL e o PRIMEIRO CORO.

CÔRO (*Caetano*).

Com surpresa, Senhor, te considero,
 E para o que sóes ser hoje t'estranho.
 De palavras avaro, mal respondes
 Aos protestos do irmão, que affectuoso
 E d'abundancia cordial te abraça!
 E tu ali 'stás em teo pensar submerso,
 Semelhante a quem sonha, qual se fossè

¹ VAR — Que a paixão viva n'um momento escapa.

Presente o corpo e d'aqui longe a alma!
 Outro podera em ti suppôr fria,
 E d'orgulhosa condição taxar-te,
 Eu porem d'insensivel não te acoimo,
 Qual d'um homem feliz brilhão-te os olhos
 E nos teos labios os sorrisos brincão!

D. MANOEL.

Que vos posso eu diser? que responder-vos?
 Pode meu irmão achar palavras
 Porque o surprehende um sentimento novo. ¹
 Vê do peito esvair-se antigos odios,
 Sente com pasmo o coração mudado!
 Eu! nenhum odio mais trouxe comigo,
 Nem sei já porque rabidos lutámos!
 Sobre alturas, alem do que é terreno,
 Nas azas do praser vóa minha alma,
 E no brilhante mar que entorno vejo,
 Todas as nuvens e bulções da vida
 Tresmalhão-se e em ligeiro ether se fundem!
 —Vejo estas galerias, estas salas
 E o alegre temor se me afigura,
 E maravilha da surpresa esposa.
 Quando com ella entrando nestes paços

¹ VAR.—Palavras acha o irmão, a quem sorpreso
 Desconhecido sentimento assalta.

Princesa e soberana heide saudal-a. ¹
 —Ella por ora ama somente o amante,
 O estrangeiro sêm nome a quem se ha dado,
 Sem suspeitar que de Messina o Principe,
 D. Manoel será que a bella fronte
 Com o regio diadema vai cingir-lhe!
 Quanto é doce aditar a quem amamos
 Com subita grandesa, pompa e brilho!
 Esse praser sublime reservei-me!
 Fica-lhe sempre o seo mais bello ornato;
 Mas o fausto á bellesa aformosêa,
 Como anel d'oiro dá realce á pedra!

Côro (Caetano).

Eu te escuto, Senhor, a vez primeira
 Do aturado silencio a muda bocca
 Disselando! Com ollhos curiosos
 Ha já bem tempo que te espreito e sigo,
 Raro aventando singular segredo.
 Não me atrevi porem a perguntar-te
 O que em tão densos véos se me occultava!
 Já não te enleva mais da alegre caça
 Vivo praser, nem de corseis corridas.
 Nem de falcões victoria! mas apenas
 Vai-se inclinando o sol sobre o horisonte.

¹ VAR.—Quando a saudar Princesa e soberana
 Por estes regios paços condusindo-a.

Dos companheiros teos somes-te aos olhos:
 Nem ousa algum de nós, com quanto socios
 Somos leaes em guerras e caçadas,
 Na solitaria senda acompanhar-te.
 Porque as glorias do amor nos recataste
 Tão cioso tê hoje? Ao homem forte
 Pôde alguém a disfarces constraugel-o?
 Longe vai o temor dessa alma grande!

D. MANOEL.

É alada a fortuna e fugidia,
 Se aferrolhado cofre a não protege.
 Por custodio o silencio lhe foi dado,
 E s'indiscreta mão, antes de tempo,
 Entre-abre o cofre, rapida se esquivia.
 Mas o longo silencio romper quero,
 E o posso agora, já tão perto do alvo;
 Porque ao crastino rosicler da aurora
 Hade ser minha, e do demonio a inveja
 Neuhum poder exercerá comigo.
 Furtivo, nunca mais hei de encontral-a,
 Nunca mais roubarei do amor os fructos.
 Nem alegrias colherei de assalto.
 O dia de amanhã será constante,
 Ao dia de hoje igual, e a minha dita
 Não será qual relanipago que fulge
 E rapido outra vez se immerge em trevas:
 Mas semelhante ás aguas d'um ribeiro,

Ou da areia a correr, marcando as horas.

Côro (Caetano).

Nomeia-nos, Senhor, essa a quem deves
 Ventura tal, que só assim podemos
 Glorificar tua invejada escolha,
 E, qual nos cumpre, honrar a augusta esposa.
 Dise-nos onde a viste? onde se occulta,
 Em que fundo retiro impenetravel?
 Nós que no afan da caça, ao longe e ao largo
 A ilha toda, e mal sabidas sendas
 Percorremos folgados, não achámos
 Signal que o teo segredo revelasse!
 Por modo tal, que a mim só me parece
 Que um nevoeiro magico a recata.

D. M^o ANOEL.

Desfaço o encanto!—Á luz do sol se mostre
 Quanto era occulto. Vós, ouvide attentos
 Meo caso.—Cinco luas são passadas,
 Reinava então meu pai, que á juventude
 Com poderosa mão curvava ao jugo
 A indomita cerviz. Eu, nessa quadra,
 Só conhecia o tráfego das armas
 E o passatempo bellico da caça.
 —Já tinhamos folgado o dia inteiro
 Nas selvas da montanha. Eis de repente

Alva corça descubro, não mui longe.
 E enquanto a sigo, do tropel me afasto.
 Pelas voltas dos valles, por barrancos,
 Por invios espinhaes e moitas, foge
 O timido animal, e eu sempre o via
 Já quasi, quasi a tiro, e nunca o pude
 Nem alcançar, nem tê-lo a geito d'alvo,
 Até que d'um jardim galgando a porta
 Sumio-se!—Do cavallo ao chão me atiro,
 Vou-lhe no encalço de venab'lo erguido,
 E vejo—e pasmo!. —A corça espavorida
 Jaz de uma freira aos pés inda tremendo,
 E a sór com brandas mãos a afaga e anima!
 Immobil, d'olhos fitos no portento
 O venab'lo nas mãos conservo ainda,
 Ameaçador no gesto: ella me encara,
 E com pasmados olhos me supplica,
 Mudos assim ficamos face a face.
 Quão longo espaço foi, não sei disel-o,
 Que do tempo a medida me esquecerá;
 Mas fundo o seo olhar entrou-me n'alma,
 E desde então meo coração foi outro.
 —O que lhe eu disse a ella—o que em resposta
 A creatura angelica tornou-me,
 Não m'o perguntem. No passado a vejo
 Como remota clara-escura imagem
 De um sonhar infantil. Sobre o meu peito,
 Voltando a mim, senti o seo pulsando.
 Nisto argentinos sons ouvi d'um sino,

Talvez chamando ao côro, e quão velozes
 Dissipão-se no ar sombras ligeiras,
 Ella tambem aos olhos meos sumio-se!

CÔRO (*Caetano*).

A tua narração terror m'infunde!
 Pois sacrilego roubo commetteste,
 E macular ousaste, com desejos
 Peccaminosos, do Senhor a esposa!
 Sacras, terriveis são do claustro as regras!

D. MANOEL.

Quanto a mim de seguir só tinha um rumo.
 Fixados meos desejos inconstantes,
 Do meo viver descortinára o emprego;
 E qual para o nascente o peregrino
 Se volta, onde almejado o sol disponenta,
 Buscavão meos desejos e esperanças
 Dos céos aquelle ponto luminoso.
 Nenhum dia, depois, se ergueo dos mares
 Ou nelles se afundou, que não reunisse
 Um par ditoso,—e do secreto accordo
 Que os nossos corações tomado havião,
 Somente o soube o ceo, que tudo enxerga,
 E vio discreto a tacita ventura.
 Outro auxilio qualquer não carecia:
 Aureos momentos, deleitosos dias.

Não era sacrilegio a minha dita
 Que a nenhum voto encorrentado havia
 Seo coração, que a mim se deo p'ra sempre!

CÔRO (*Caetano*).

Assim, era-lhe o claustro asylo apenas
 Da verde juventude, e não sepulchro?

D. MANOEL.

De Deos na casa era um penhor sagrado,
 Que no porvir alguém reclamaria.

CÔRO (*Caetano*).

Mas de que sangue illustre ser blasona,
 Porquanto nobres só provém de nobres!

D. MANOEL.

Enigma á si propria tem vivido,
 Ascendentes e patria não conhece!

CÔRO.

Nenhum ligeiro, duvidoso indicio,
 Conduz d'essa existencia á fonte ignota?

D. -MANOEL.

Que ella é de nobre sangue diz o homem
Q'unico sabe qual prosapia é a sua.

CÔRO. (*Caetano.*)

Esse homem quem é? Dise que eu posso
Talvez, sabendo tudo, aconselhar-te.

D. MANOEL.

Um velho servo, que de tempo em tempo
Serve entre a filha e a mãe de medianeiro.

CÔRO.

E o velho não sondaste? É bem sabido
Quanto é loquaz e tímida a velhice.

D. MANOEL.

Mostrar-me curioso, talvez fôra
Em risco pôr minha fortuna ignota.

CÔRO.

Quando vinha porém a visital-a.
De que assumptos tractava em seos colloquios?

D. MANOEL.

De um futuro em que tudo se explicasse:
E nessa esperança a tinha d'anno em anno!

CôRO (*Caetano*.)

Desse tempo que tudo esplanaria
Não lhe marcava mais propinquo termo?

D. MANOEL.

Sim, ha já mezes que a ameaça o velho
Com proxima mudança em seos destinos!

CôRO (*Caetano*.)

Ameaça! dizes—logo, conjecturas
Que a luz que vai brilhar te não agrada!

D. MANOEL.

Põe em susto ao feliz qualquer mudança:
Onde lucro não ha, pôde haver perda.

CôRO (*Caetano*.)

Todavia o segredo, bem que o temas,
Pode ao teu amor ser favoravel?

D. MANOEL.

E encontral-o tambem: quiz eu por isso
O mais seguro—prevenil-o em tempo.

CÔRO.

Como, Senhor, grave temor me incutes!
Tão precipite feito assaz m'inquieta.

D. MANOEL.

Já desde o mez passado, deixa o velho
Entrever em ambages duvidosas
Que o praso que hade aos seos restituil-a
Não longe vinha. Hontem fallou mais claro:
Que ao raiar da manhã do sol vindouro
(Alludia ao sol d'hoje) seos destinos
Se havião decidir: não perco tempo,
Prestes a um proposito me atenho,
Prestes o levo ao cabo—Roubo a virgem,
E a Messina comigo a trouxe occulta!

CÔRO (*Caetano*).

Audaz, escandaloso foi tal feito:
Esta sincera increpação releva,
Que tal direito cabe á circumspecta
Velhice, quando jovens assomados

Em temerario arrojô se desmandão.

D. MANOEL.

Não longe do Convento Hospitaleiro,
 D'um jardim n'um recondito retiro,
 Onde olhos curiosos não penetrão ¹
 Acabo á pouco de a deixar, com pressa
 De vir á couclusão da paz fraterna!
 Ali ficou sosinha, inquieta, em sustos,
 Bem longe de cuidar qu'inda hade ver-se
 Procurada com honras de Princesa,
 E sobre o excelso pedestal da gloria,
 Ante Messina inteira apresentada!
 Não de outra sorte ella terá de vêr-me
 Senão com fausto e insignias da Grandesa
 De vós, meos cavalleiros, rodeado. ²
 De D. Manoel esposa, não permitto
 Que ella sem patria e quasi aventureira
 Á mãi que dar-lhe quero, se aproxime:
 Como Princesa quero aqui trassel-a,
 Á côrte de meos pais com régia pompa.

CÔRO (*Caetano*)..

Manda, Senhor: teos acenos aguardamos.

¹ VAR.—Que invejosos não hão de devassar-me!

² VAR.—De vosso equestre côro acompanhado.

D. MANOEL.

Eu de seos braços me arranquei ha pouco,
 Mas somente com ella heide occupar-me!
 Vós outros desde já acompanhai-me
 Ao Bazar, onde o Mouro expõe á venda
 Quanto produzem do Oriente as terras
 Em ricas telas e obras primas d'arte
 —Escolhei-me as sandalias apuradas,
 Dos pés mimosos protecção e ornato,
 Depois, para vestido, os primorosos
 Indiaticos estofos:—esses que brilhem
 Da côr da neve que nos cimos do Ethna
 Em distancia mais curta ao sol se offerece,
 Esses qual vapôr subtil da aurora
 Ao corpo esbelto e juvenil se adaptem.
 D'ostre seja, entrançado em fios d'oiro,
 Cinto airoso que a tunica lhe aperte
 Sob os pudicos seios: logo o manto.
 De seda que vistosa semelhando
 Na côr e brilho á purpura fulgente
 Caia da espalda em aureo broche preso. ¹
 Nem as armillas esqueçais, que os braços
 Torneados, com graça em gyro abranjão:
 Nem os enfeites de coraes e per'las.
 Maravilhosos dons da equorea Deosa.

¹ VAR.— De seda, que vistosa rivalise
 Na côr e brilho á purpura fulgente,
 E sobre a espadua um broche d'oiro o apanhe.

As madeixas segure-lhe uma c'róa
 Das mais custosas pedras encrustada,
 Onde os rubins, em fogo ardendo, crusem
 D'esmeraldas os lampos coloridos.
 Do toucado seguro, em amplas dobras
 O vèu lhe penda, que as feições donosas
 Como de nuvem, de clara luz circunde.
 De mytho enfim a virginal capella
 O todo encantador complete e crôe.

CÔRO (*Caetano*).

Cumpriremos, Senhor, de ponto em ponto
 O que nos mandas. No Bazar encontro exposto
 E prompto já quanto enumeras.

D. MANOEL.

Dentre os meos cavallos, ide, escolhei-me
 O palafrem mais bello—e a côr que seja
 Branca de luz qual dos corseis de Apollo!
 De purpura se cubra, arnez e redeas
 Com finas pedras ricamente ornados;
 Pois que á minha senhora se destina:
 Vós, por vossa parte, sede prestes
 A acompanhar em larga pompa equestre
 Vossa Princesa ao som d'alegres trômpas.
 De taes aprestos a cuidar eu mesmo
 Agora vou. Dous d'entre vós me sigão:

Os mais me aguardem; porem quanto ouvistes
 Guardai secreto no profundo peito
 Até que do segredo eu rompa os sellos.

Sae acompanhado por dois do côro.

CÔRO (*Caetano*).

Disei-o: em que havemos d'empregar-nos,
 Pois que da luta os principes descanção,
 Para encurtar a vacuidez das horas ¹
 E do tempo o longor interminavel?
 Esperar ou temer, ou curar d'algo,
 O homem deve em cada sol que nasce,
 Por que suporte da existencia o peso
 E o fastio das horas uniformes,
 E com alternas refrescantes brisas
 Da vida a immovel superficie agite.

UM HOMEM DO CÔRO (*Manfredo*).

Bella é a paz como um zagal amavel
 Que jaz deitado de um ribeiro á margem
 E entorno d'elle os brincahoes cordeiros
 Pastão a relva pelo sol doirada.
 Elle da flauta meigos sons desprende
 Que alegres fallão da montanha aos échos.
 Ou quando o sol se empurplece á tarde

¹ VAR.--Para das horas occupar o vacuo.

Trepida fonte lhe acalenta o somno.
 Comtudo a guerra tambem tem seu preço.
 Ella que as sortes vai trocando aos homens:
 A mim me apraz esse viver inquieto.
 Esse balanço e flutuar constante
 Sobre as ondas que o azar deprime ou impolla.
 Durante a paz enerva-se o guerreiro
 Em ocio vão, que é da coragem campá:
 E a lei, do fraco amiga, bem quisera
 Nivellar tudo e fazer plano o mundo!
 Mas, quando ha guerra, os fortes se revelão.
 Assume tudo proporções enormes,
 E o covarde tambem se mostra um homem!

UM SEGUNDO HOMEM (*Berenguer*).

Pois os templos d'amor não estão abertos?
 Não corre o mundo após a formusura,
 Ali mora o temor, ali a esp'rança;
 Aqui é rei quem mais agrada aos olhos!
 O amor sabe animar nossa existencia,
 Realçando-lhe as cores pardacentas.
 Da espuma a filha amavel nos encurta
 Encantadora os annos venturosos,
 E a prosaica amarga realidade
 Tece as imagens dos doirados sonhos! ¹

¹ VAR.—Imagens tece dos seus sonhos d'ouro.

TERCEIRO HOMEM (*Caetano*).

De flores se matise a primavera,
 A belleza resplenda e teça c'rôas,
 Quando as melenas juvenis negrejam:
 Mas á viril convem madura idade
 Votar-se ao culto de mais grave numen!

PRIMEIRO HOMEM (*Manfredo*).

A severa Diana então sigamos,
 Da caça amiga, nos silvestres coutos
 Onde as negras florestas mais se obumbrão.
 E os ageis gamos dos rochedos pulão:
 São caçadas imagens de batalhas.
 E Diana de Marte alegre esposa!
 Todos são prestes ao raiar d'anrora,
 Quando as sonoras trompas nos convidão
 Alegrementemente aos valles orvallhados,
 Ás montanhas e aos pincaros medrosos.
 Para banhar os membros fatigados
 Nas correntes de um ar refrigerante

SEGUNDO HOMEM (*Berenguer*).

Ou então confiemo-nos a Thetis
 Cerulea Deosa, eternamente mobil.
 Cujó limpido espelho nos convida
 A percorrer-lhe os infinitos seios.

Uma alegre, natante fortaleza
 Sobre as ondas, que danção, construíamos.
 Quem ara os verdes, crystalliuos campos
 Com a rapida quilha do navio,
 Esse espósa a fortuna, a esse o mundo
 Pertence, e colhe, sem plantar, a safra:
 Porquanto o mar é da esperança o reino.
 E do azar caprichoso. Aqui se torna
 O rico, dentro em pouco, igual ao pobre.
 E os mais pobres com principes hombreão.
 Como o tufão co'a rapidez do raio
 Inteira a rosa nautica percorre,
 Tal se mudão aqui da vida as sortes.
 Tal a fortuna gyrando
 Vai o seo globo ao redor.
 Sobre as ondas tudo é onda.
 Sobre o mar não ha Senhor.

TERCEIRO HOMEM (*Caetano*).

Mas não só no undoso reino.
 No fluxo instavel do mar,
 Tambem na terra, em que firme
 Nas antigas repouse eternas bases
 A fortuna varia sem cessar!
 —Dá-me cuidado esta paz recente,
 Em que eu não posso com praser fiar-me,
 Nem é na lava que o vulcão vomita
 Onde eu quiséra construir meos tectos.

Estes odios demais aprofundarão-se,
 Factos graves demais tem occorrido
 Pra que o olvido ou perdão saual-os possa.
 O fim a tudo isto inda não vimos,
 Porem presagos sonhos me atormentão,¹
 Profecias não as farão meos labios,
 Mas assaz me desgosta este mysterio,
 Este hymineo sem benção,—estas sendas
 Tortuosas d'amor que a luz odeião,
 E o rapto audaz com violencia ao claustro.
 Ama o que é bem andar caminho recto,
 E máos fructos produz a má semente.

BERENGUER.

Tambem um roubo foi, como sabemos
 Que seo mão grado trouxe ao leito infausto²
 Do rei, que é morto, a desposada noiva
 Que pertencia ao pae. O avò raivando
 Sobre o culpado thalamo derrama
 D'horridas maldições a temerosa
 Semente! Iniquos, indisiveis feitos,
 Crimes enormes esta casa esconde.

CÔRO (*Caetano*).

Sim, isto bem não começou, não pôde

¹ VAR.—Mas causão-me temor presagos sonhos.

² VAR.—Tambem um roubo foi, que assim se conta,
 Que trouxe a leito réo, contra o seo grado.

Ter bom fim: podeis crêr no que vos digo,
 Que debaixo do sol ha de expiar-se
 Qualquer feito de raiva hallucinada,
 Nem por acaso ou por destino cego
 Estes irmãos irados se exterminão,
 Porque o materno seio praguejado
 Produzir sô podia luta e odios!
 Isto porem devo occultar commigo:
 Callados marchão vingativos deoses:
 Tempo será de lamentar desastres
 Quando reaes à luz se apresentarem!

Sae.

Mudança de scenario. Um jardim com vista para o mar.

BEATRIZ sae de um pavilhão contiguo ao jardim. Passa inquieta, olhando para todes os lados; por fim pára e escuta.

Não, não é elle, mas do vento o sopro
 Nos cimos dos pinheiros murmurando.
 Já toca o sol o termo seo, e as horas
 Vejo com tardos passos caminhando!
 Um sentimento de terror me assalta,
 Pavor me incute este silencio vão;
 Tè onde alcanção, nada vêm meos olhos.
 E elle me deixa só nesta afflicção!.
 —Perto, qual ruidosa catadupa
 A populosa villa oiço bramindo,
 E longe o mar immenso, cujas vagas
 Vem nas praias morrer, surdo latindo.

No meio desta horrivel magestade,
 Sinto-me fraca, de terror transida,
 Vagando a esmo no infinito espaço
 Como folha do tronco sacudida.
 —Porque deixei minha tranquilla cella
 Onde sem dor, sem ambição vivia,
 Não pobre de alegrias innocentes
 Minha alma outro existir não conhecia.
 Ora da vida as ondas me arrebatão,
 Gigante o mundo me tomou nos braços.
 E eu fiada n'um facil juramento
 Todos rompi da minha infancia os laços!
 —Ai triste de mim, que fiz?
 Onde é que tenho a razão?
 Como deixei arrastar-me
 Por esta louca illusão?
 Rompi os veos do virginal recato,
 E da piedosa cella
 Ultrapassei as portas!
 Acaso hallúcinada
 Fui presa de infernal encantamento
 Para seguir o seductor ousado
 Na criminosa fuga?
 Oh! vem amado meo, porque assim tardas?
 Onde assim te demoras?
 Vem libertar minha alma combatida:
 Angustias me acabrunhão,
 Devorão-me remorsos. Tranquillise
 Meo coração teo suspirado aspecto!

—E não devia ao homem dedicar-me,
 Que só por mim s'interessou no mundo?
 Como estrangeira na vida collocada,
 Já desde o berço, destino inexoravel,
 Escuro véo que levantar não ousou,
 Lançou-me fóra do materno amplexo.
 Uma só vez a vi—essa a quem devo
 Da existencia a luz, e como um sonho
 A imagem della se me foi dos olhos!
 —Nessa mansão de paz crescia quieta,
 No ardor da vida á sombra irmanada,
 Eil-o ás portas do claustro se apresenta,
 Viril como um heróe, como um Deos bello,
 O que eu senti palavras não n'ó exprimem!
 Estranho me chegou d'um mundo estranho,
 Mas logo deo-se o nó indissolúvel
 Como que fóra assim de todo o sempre. ¹
 —Tu que me deste o ser, tú me perdôa,
 Se o decretado instante antecipando
 Da minha propria sina fiz-me autora.
 Ella me procurou, não tive escolhia,
 Dos muros ao travez o Deos penetra,
 Á torre de Tesséo achou caminho,
 Não perde a sua victima o destino!
 Atada seja ás solitarias rochas,
 Aos cimos com que os Ceos sustenta o Atlas.
 Um alado corsel vai lá buscar-a!

¹ VAR. — Como que sempre houvesse d'antes sido.

—Não quero atraz de mim lançar meos olhos,
 Não desejo outra vez o meo retiro,
 Antes de amor, amante, me confio!
 Qual ha ventura que mais bella seja?!
 Não conheço da vida outras doçuras,
 Eu pois da minha sorte me contento!
 —Não os conheço, conhecer não quero
 Os que dizem-se autores de meos dias,
 S'elles de ti m'hão de afastar, ó amado!
 Fique eu para mim propria eterno arcano,
 Ja quanto basta, sei,—que por ti vivo!

Escutando.

Que! do amado a voz escuto!
 Não,—era o echo sómente
 E do mar retumbo surdo
 Que vem quebrar-se nas praias!
 Amado meo, onde estás?
 Ai de mim, porque assim tardas!
 Frio terror me circumda,
 Mais e mais o sol se afunda
 E a soledade e meo peito
 S'enlutão de mais em mais!

Passeiando com inquietação.

—Deste jardim muro em fóra
 Nenhum só passo heide dar:
 Senti um frio terror
 Quando na proxima igreja
 Ousei os meos pés depor!
 Tocava o sino a preces

E um poderoso impulso
 Do fundo da minha alma
 Levou-me irresistivel
 A orar no logar sancto.
 E a supplicar a Deos.
 —Se d'espíões fui segnidat!.
 Cheio d'inigos é o mundo,
 E a astucia por toda a parte
 Arma á innocencia piedosa
 Fallaces laços com arte!
 Ja cruelmente o provei
 Quando do asylo do claustro
 No meio da turba estranha
 Reprehensivel me lancei.
 Naquellas festas solemnes
 Do enterramento do rei!
 Caro paguei minha audacia,
 Foi só Deos que me salvou,
 Quando o joven, o estrangeiro,
 Se aproximava de mim
 Com olhos que chammejavão,
 E olhares que me aterravão,
 E-me tiravão de mim!
 Como quem lia em minha alma.
 De novo quando em tal penso
 Sinto o terror accordar
 E nunca, nunca mais pude.
 Conscia da tacita culpa.
 Do amado os olhos fitar

Voses no parque!
 É meo amado!
 Não, não é illusão que me fascina.
 Eil-o vem e se aproxima.
 Nos seos braços
 Em seo peito!

Vai saindo apressada, de braços abertos, para o fundo do jardim.—D. Cesar sae-lhe ao encontro.

D. CESAR, BEATRIZ e o CORO.

BEATRIZ recúa com terror.

Triste de mim! que vejo?

Neste momento entra o côro.

D. CESAR.

—Nada temas.

Voltando-se para o côro.

A mostra marcial de vossas armas
 Esta belleza amedronta!
 À retaguarda pois—largo intervallo
 Entre ella e vós medeie.

Para Beatriz.

—Nada temas.

Bellesa, pudor sacro me são caros!

O côro se affasta. D. Cesar della aproxima-se e toma-lhe a mão.

Mas onde estavas tu? A que Deos prouve

Roubar-te aos olhos meos? Todo este tempo
 Procurei-te incessante; todo o empenho
 Puz em te achar; velando, em sonhos, sempre
 Foste do coração meo sentir unico
 Dês que nos regios funeraes do Principe
 Qual luminosa apparição de um anjo
 Te vi a vez primeira! Nem secreto
 O poder com que a ti me encorrentavas
 Te ficou sendo. A chamma de meos olhos
 E os labios meos balbuciando, e o aperto
 Da mão que estremecia, t'o disserão:
 Do logar a severa magestade
 Não permittia confissão mais clara.
 Nisto o officio começa: eu de joelhos
 Á devoção me entrego; e quando ao erguer-me
 Em ti rapido a vista fui cravando
 Aos olhos meos já tinhas-te sumido;
 Meo coração porem após levavas
 Comtigo, e as forças d'elle nas cadeias
 D'encantamento irresistivel preso. ⁴
 Desde então sem descanso te procuro
 Nas igrejas, nas portas dos palacios,
 Nos publicos logares, nos escusos,
 Onde bella a innocencia ousa mostrar-se.
 Vasta rede estendi de meos sequazes
 Sem de tantos esforços colher fructo
 Té que hoje emfim de um Deos, certo, guiado,

¹ VAR. — De mago encantamento aprisionado.

Mais diligente, ou mais feliz um delles
Nesta proxima igreja te descobre.

Beatriz que até este momento se tem conservado tremula, desvia o rosto e faz um movimento de terror.

—Tenho-te pois e hade primeiro a vida
Deixar meo corpo, que eu de ti me aparte:
Para fixar incontinentemente o acaso
E precaver-me d'infernal inveja
Perante todos estes te recebo
Esposa, e para abono da palavra
De cavalleiro a dextra aqui te offereço.

Apresentando-a ao coro.

Não pergunto quem és! de ti somente,
A ti quero. Não curo saber d'outros.
A alma tens, qual tua origem, pura:
O teu primeiro olhar, disse-o—jurou-m'o,
Mas se fosse miserrimo o teu berço ¹
Serias meo amor, máo grado a sorte.
Que a liberdade de escolher, perdi-a!
—Talvez queiras saber se por ventura
Sou senhor de meos actos; se no mundo
Tenho elevada posição, bastante
Para com braço forte erguer a amada
Ante mim! Basta dizer meo nome:
Dom Cesar sou. Nos termos de Messina
Maior do que eu ninguem!

Treme Beatriz de novo. Percebe-o elle, e continua apoz um momento de silencio.

¹ VAR.—Mas quando fosse humilissimo o teu berço &c.

Tua surpresa,
 O teu silencio decoroso applaudo!
 Crôa-te as graças pudica modestia
 Sim, que a belleza a si mal se couhece,
 Para si propria é um mysterio e bello!
 E do immenso poder que tem se aterra.
 —Vou-me: ao teu pensar te deixo entregue,
 Bane d'alma o temor e os sobresaltos;
 Pois, de chofre, mesmo a fortuna assusta!
 Vós porem desde já, de minha esposa,
 Rainha vossa, tributai-lhe as honras:
 Do alto estado seo disei-lhe o lustre.
 Breve para a levar serei de volta
 Com pompa de mim digna e digua della.

Sae.

BEATRIZ e o CORO.

Côro (Bohemundo).

Salve, ó Donzella,
 Senhora amavel!
 Ganhaste a c'rôa,
 Tens a victoria.
 Conservadora
 Desta prosapia
 Mais gloriosa
 De heroes futuros
 Eu te saúdo e salve!

ROGERIO.

Salve tres veses!
 Com feliz auspicio,
 Tu, venturosa
 Entras nessa mansão aos Deoses cara,
 Vistosa e rara
 De festões gloriosos,
 Onde aureo sceptro em successão constante
 Vai dos avós ao neto mais distante.

BOHEMUNDO.

Com tua entrada
 Vão se alegrar,
 Da casa os penates,
 E os graves, severos,
 Maiores tambem.
 Hebe sempre jovem
 Ao limiar vem
 Com aurea Victoria,
 A deosa alada,
 Que no throno do Eterno pendurada,
 Estende as azas promptas para a gloria!

ROGERIO.

Nunca o sceptro da belleza
 Dessa raça nobre sae!

Quando morre uma princesa,
 Logo nas mãos d'outra cae!
 Co'o veo do pudor modesto
 Co'o sinto das graças vae!
 O que é, porem, maravilha,
 O que não cuidei jamais
 Foi vêr tão formosa fillia
 Junto á mais bella das mães.

BEATRIZ, como que acordando do seu torpor.

Triste de mim! a que mãos
 Quis-me a desgraça traser?
 D'entre todos
 Quantos vivem,
 É deste de quem mais tenho a temer!
 Ah! já concebo o pavor,
 O mysterioso horror
 Que de mim se apoderava.
 Quando ante mim se fallava
 Dessa terrivel familia,
 Que se extermina e se odeia,
 E contra os seus proprios membros,
 De amargor e furia cheia
 Se encarnaça! Ai quantas veses,
 Não ouvi horrorisada
 A narração lastimada
 Desse odio de tantas fêses!
 Eis que hoje o fado inimigo

De horror e sustos cheio,
 A mim pobre e sem abrigo
 Nesse mar d'odios me atira,
 Desse infortunio no meio!

Foge para o pavilhão do jardim.

CORO.

BOHEMUNDO.

Dos mimosos do ceo invejo a sorte,
 Dos que, felizes, o poder desfructão:
 É seo quanto ha de precioso e raro?
 De tudo quanto os homens mais estimão..
 E em môr apreço tem, seja alto ou bello,
 Colhe e respira a flor.

ROGERIO.

Quando mergulha o pescador, das per'las
 Que tras, elle a mais pura escolhe!
 Para o senhor fica o melhor de parte.
 Do que em labor commum recolhem todos,
 Cego sorteio distribue os lotes.
 Mas o mais bello é seo!

BOHEMUNDO.

Todas as mais vantagens lhe concedo,

Mas seo mais alto privilegio é este!
 Disso que não do mais, lhe tenho inveja—
 É que d'entre as mulheres a mais bella,
 Que enleva e arrouba o coração de todos.
 Elle a chamon: é sua!

ROGERIO.

Salta o corsario audaz co'a espada em punho
 No seo nocturno repentino ataque!
 Homens, mulheres, o que achou, captiva.
 Sacia os desregrados appetites; ¹
 Mas a mais bella das formosas poupa.
 É quinhão do seu rei!

BOHEMUNDO.

Vamos no entanto nós guardar a entrãda,
 O limiar desse retiro sancto:
 Não ouse algum profano seos mysterios
 Devassar,—antes nos louve o amo,
 E se applauda de haver o seo thesouro
 Fiado á nossa guarda.

Afasta-se o côro para o fundo do theatro.

¹ VAR.—Sacia os indomaveis appetites;

A scena representa uma camara no interior do Palacio.
D. Isabel colloca-se entre D. Manoel e D. Cesar.

D. ISABEL. D. MANOEL e D. CESAR.

D. ISABEL.

Eis, enfim, que esse dia venturoso.
Ha tanto desejado, luz festivo!
Dos filhos meos os corações unidos
Vejo, como lhes junto as mãos nas minhas,
E a vez primeira, em circulo tão intimo.
Vai ledo abrir-se o coração materno.⁴
Longe o rudo tropel d'homens estranhos
Que, sempre, para a luta aparelhados.
Mettião-se entre nós! Já meos onvidos
Não fere mais clangor terrivel d'armas!
Como de noitibós á noite affeitos
Dos arruinados combros, onde tinhão
Com posse inveterada posto os ninhos.
O negro enxame, escurecendo o dia.
Voando foge, ao ver que chega o dono.
Exul de ha muito, ora com grita alegre
Voltando, a dar começo ao novo predio!
Tal foge o odio antigo, a tenebrosa
Comitiva, a suspeita d'olhos cavos.
Vesga, pallida inveja, e destas portas

⁴VAR.--Ledo se expande o coração materno.

Do Averno em busca a murmurar se partem.
 Por ellas entra á paz, trasendo fausta
 A confiança, a candida concordia!

Pausa.

—Mas não fôra completo o dia d'hoje
 Se um irmão fasendo-vos mais ricos,
 Vos não dêsse demais a irmã que tendes.
 Pasmais?! Leio a surpresa em vossos olhos!
 Sim, filhos meos, rompo o silencio, é tempo.
 Quebro o sello ao recondito segredo:
 Tambem a vosso pai dei uma filha
 Alem de vós. É vossa irmã mais nova,
 E vive ainda! Heis de abraçal-a inda hoje!

D. CESAR.

Que dises tu? Pois essa filha vive!
 E nós de tal irmã nada sabemos?

D. MANOEL.

Bem me recorda ter ouvido infante
 D'uma irmã nossa, que ao nascer morrera.
 Do berço no sepulcro resvalando.
 O vulgo o disse.

D. ISABEL.

—O vulgo mente: vive.

D. CESAR.

Vive, e tal segredo nos calavas !

D. ISABEL.

Do meo silencio as causas justifico!
 Do que então se plantou vêde ora os fructos
 Para a alegre colheita sazoados!
 Na verde infancia apenas, ja surdião
 O desacordó, as brigas lastimadas
 Entre vós! Nunca mais volva esse tempo
 Que tanta dor nos deo, e magoa tanta!
 Eis, vosso pai tem certo dia um sonho
 Estupendo, ominoso. Pareceo-lhe
 Ver que do toro nupcial se erguião
 Dois loiros, e encorpendo, as densas ramas
 Entrelaçavão bastas! Logo um lyrio
 A crescer, entre os dois! O lyrio em channas
 Se torna, que nas ramas embastidas
 Prendem, la tomão fogo vigas, tecto.
 Brame, serpeia, estrala, e furioso
 Todo o palacio (misero espectáculo!)
 Rapido alue no monstruoso incendio!
 Dessa estranha visão impressionado.
 Vosso pai seo oraculo consulta:
 Era um arabe astrologo, em quem punha
 Mais fê que a merecida. Este lhe disse.
 Decifrando-lhe o sonho, que una filha.

Se no parto uma filha me nascesse.
 Havia de matar seos filhos ambos.
 E que a sua raça findaria nella! ¹
 D'uma filha fui mãe! Cruel, ordena
 Vosso pai, que, sem logo, a recém-nata
 Do mar se atire às ondas!. Eu prudente.
 Illudindo o preceito sanguinario,
 Por meio de um leal servo e discreto
 Do destino impendente a ponho á salvo!

D. CESAR.

Seja, quem te ajudou, feliz mil vezes!
 Não falta sancto ardil ao amor materno!

D. ISABEL.

Do amor materno a voz imperiosa
 Não foi só, que em favor da criancinha
 Movêo-me a compaixão! Divino sonho
 Me viera tambem, quando ao ceo prouve
 Com filha tal abençoar meo scio!
 Uma criança, como os anjos, linda
 Vi na relva a brincar: eis da floresta
 Sae um leão, que nas cruentas fauces
 De fresco o cevo² tras: mas de amovel

¹ VAR.—Nella teria fim sua linhagem.

² O original diz «*cabra montez*» palavras que só Felint

De manso larga-o no infantil regaço!
 Eis dos ares também com paudas asas.
 Uma aguia desce que nas duras garras
 Pavida corça tras; mas de amoravel
 De manso larga-a no infantil regaço!
 E os dois, aguia e leão, agora amigos, ambos
 Da criancinha aos pés jасem tranquillos!
 Interpretou-me o sonho um sancto monge,
 Varão piedoso, junto á quem, constante
 Meo coração da vida na tormenta
 Refrigerio e conselhos tem achado!
 «Que eu teria uma filha (asseverou-me)
 «Que dos irmãos as indoles rebeldes ¹
 «Do amor na chamma ardente abrasaria!
 Guardei no fundo peito essa palavra.
 Mais no Deus da verdade confiando
 Que no Deus da mentira; e assim, salvei-a.
 Essa do céu predestinada filha,
 De benção, e penhor de meos anhelos, ²
 Instrumento de paz entre meos filhos
 Cujos odios reciprocos medravão.

D. MANOEL, abraçando o irmão.

Nossos laços de amor já se entrançarão:

capaz de metter em verso «Bem como o fato de moulezes ca-
 bras &» (Martyres)

¹ VAR.—Que as portiosas indoles dos fillios &

² VAR.—Filha de promissão, abençoada,
 De oiphas esperanças garantia.

Mas pode a irmã dar-lhes um nó mais firme!

D. ISABEL.

Dei ordem pois a que em logar seguro,
 Longe de mim, secretamente, fosse
 Por mãos estranhas educada. Eu mesma
 Á ventura de ver-lhe o rosto lindo,
 —Sabe Deos com que ardor o suspirava!—
 Renunciei, por temor do pai severo,
 Que de roaz suspeita atormentado,
 Tudo sombrio esquadrinhando, tinha
 Malsins postados a seguir-me os passos.

D. CESAR.

Ha já tres luas, que os paternos restos
 Cobre-os a campa: o que impedio, Senhora,
 Que a—Encoberta—ha tanto, não trouxesses
 Á luz, as almas nossas alegrando?!

D. ISABEL.

O que?! senão vossas infestas lutas.¹
 Que em furia inextinguivel se elevavão
 Do tumulto paterno mal fechado,
 Sem á concordia dar logar nem tempo?

¹ VAR.—O que?! senão vossas lutas malfadadas, &

Podia vossa irmã traser ao meio
 De feros gládios nus? A voz materna
 Poderieis ouvir nessa desordem?
 E devia eu trasel-a, a ella, caro
 Penhor de paz, de minhas esperanças
 Ancora extreme e sancta, e extemporanea
 No fel de vossos odios arriscal-a?
 Devia?! não. Convinha que primeiro
 Vos visseis como irmãos, depois traser-vos,
 Como um anjo de paz, a irmã dilecta!
 Posso fasel-o agora, e de bom grado
 O faço. Despachei meo velho servo
 E por instantes sua volta aguardo!
 Foi tiral-a do placido refugio,
 Para depôl-a no materno seio,
 Para entregal-a aos fraternaes amplexos!

D. MANOEL.

E não será ella a unica a quem hoje
 Has de apertar contra o materno seio!
 Entra o praser pelas portas todas!
 Estes paços desertos vão encher-se,
 Mansão tornar-se de floridas graças!
 Que o meo segredo emfim é bem que o saibas.⁴
 Das-me uma irmã! Eu quero em recompensa
 Com outra amavel filha enriquecer-te.

⁴ VAR.--Escuta, minha mãe, o meo segredo.

Sim, teo filho abençoat! Ja sua alma
 Achou, já elegeo a companheira
 Que da vida no curso hade seguil-o!
 Antes que o sol que luz no mar se affunde
 De D. Manoel virei traser-te a noiva.

D. ISABEL.

Heide apertal-a contra o peito alegre.
 Quem o meo primogenito me adita!
 De sob os pés lie nascão mil venturas!
 Todas as flores que esta vida ameigão.
 Todas as glorias e alegrias della
 A quem, de quantas ha maternas c'roas.
 Me apresenta a melhor. te recompensem!

D. CESAR.

Das benções tuas o sacrario inteiro
 Não dês só a teo filho primogenito!
 Se amor benção merece, heide traser-te
 Uma outra filha tambem de tal mãe digna.
 Que do amor o sentimento ignoto
 M'influo. Antes que o dia finde
 D. Cesar hade apresentar-te a esposa!

D. MANOEL.

Oh! tu, divino amor omnipotente.

Não sem razão te chamão rei das almas!
 Curvãõ-se ao teu poder os elementos,
 Congraças os que inimigos se combatem.
 E quanto vive às tuas leis se dobra!
 Que até de meo irmão o árrebatado
 Character, d'antes inflexivel, domas.
 Agora creio em ti! contra o meo peito
 Esperançoso como irmão te cinjo

Abraça D. Cesar.

Sem de ti duvidar, pois que amar podes!

D. ISABEL.

Salve tres veses! dia venturoso
 Que de uma vez o roedor cuidado
 Do meo oppresso coração desterras!
 Sobre columnas solidas fundada
 Minha linhagem vejo! Posso agora
 A innumeravel successão dos annos
 Considerar com animo tranquillo.
 Hontem da viuvez os véos trajando,
 Hontem sem filhos, morta para o mundo
 Na solidão destas desertas salas;
 Hoje! . . virão, na flor da mocidade,
 Com viço e graças juvenis, tres filhos
 Acompanhar-me! D'entre as mãis se mostre
 A que se julga mais feliz com filhos
 A ver se em gloria e jubilo me iguala!
 —Mas . . . que principes são? que infantas regias

Por estas cercanias nubeis florão,
 Cuja existencia ignoro? Indigna escolha
 Não farião sem duvida, meos filhos! . . .

D. MANOEL.

Permitti, minha mãe, que só por hoje
 Não erga o véo, que minha dita esconde!
 Raiará breve o sol que tudo explique!
 Minha noiva seo dote tras no aspecto.
 Verás: tem certo que hasde achal-a digna!

D. ISABEL.

O character do pai, sua alma vejo
 No seo morgado! Elle tambem sabia
 No firme coração impraticavel
 Tramar de longe, em seo pensar fechado,
 E seos designios madurar comsigo.
 Outorgo a curta dilação que pedes.
 Porem, meo filho Cesar, estou certa
 De uma filha de rei vai dar-me o nome!

D. CESAR.

Circumdar-me de véos mysteriosos
 Não é do meo character. Franco e aberto
 Trago na frente meo pensar escripto!
 Mas isso que de mim saber desejas,

Isso, querida mãe, leal t'ó digo,
 Nem a mim mesmo o perguntei! pergunta-se
 Donde celestes a luz do sol flameja?!
 O mundo aclara, a si se manifesta,
 E que provem de luz seos raios provão!
 De minha amada li nos olhos limpídos,
 No fundo da sua alma pude ver!
 No brilhar puro a perola conheço;
 Mas qual seo nome, não t'ó sei diser!

D. ISABEL.

Como, meo filho Cesar?! De bom grado
 Ao primeiro sentir imperioso,
 Como se fôra a voz do céo, te entregas?
 De assomos que comporta o ardor dos annos,
 Capaz te julguei sempre; mas loucura.
 Cega, infantil. Deixa-me ouvir primeiro
 O que na escolha te guiou!

D. CESAR.

—Escolha!

Escolha chamas ao poder dos astros,
 Que na hora prescripta arrasta o homem
 A seo fado cumprir?—Pois busquei noivas!
 Não, tão futil idea não podia
 Vir-me aos sentidos na mansão da morte,
 E ahí foi que a encontrei, que a vi, que amei-a!

Fora-me até então indifferente,
 Menospresado o feminino sexo,
 De fallas vãs, onde eu não via alguma
 Igual a ti, que eu, como a Deos, respeito!
 —De meo pai nas tristissimas exequias
 Deo-se o caso. Na mó do povo envoltos,
 Com disfarce nas vestes, bem o sabes,
 Ambos ao rito funebre assistiamos!
 Prudente assim mandáras, porque a chamma
 De nossos odios não rompesse irosa,
 Do morto as horas ultimas manchando!
 —De escuro dó paramentada a nave
 Da igreja, estavam telamones vinte
 Com tocheiras nas mãos, do altar em roda:
 Da eça o cadafalso ante elle erguido
 Com negro crepe, de cruz branca em cima:
 E sobre o crepe vião-se depostos
 O bastão do commando, a real c'roa,
 Aureas esporas, da nobresa insignia,
 E a forte espada, diamantino o pomo.
 —Religioso silencio dominava!
 Eis que invisivel do sublime côro,
 Começa o orgão de mover-se, e o canto
 De cem acordes vozes a elevar-se,
 E ainda o canto vibrava. . . . desce
 O esquite, e nelle o corpo, e lentamente
 Baixando vai ao subterraneo mundo!
 Cobre porem o mortuario crepe.
 Largo tendido o disfarçado ingresso,

E sobre a terra transitorias galas
 Ficão de resto, não seguindo ao morto;
 Mas nas asas seraphicas do canto
 A alma sôlta para cima adeja
 Da graça o fundo asylo e os ceos buscando!
 — Minucioso te descrevo tudo,
 E trago-t'o á lembrança, por que vejas
 Se em tal logar, tal acto, no meo peito
 Caber podia um desejo mundano!
 E esse momento foi solemne e grave
 Que o arbitro elegeo da minha sorte,
 E c'um raio de amor tocou minha alma.
 Como isso foi?! de balde m'o pergunto!

D. ISABEL.

Tudo quero saber! Nada me occultes.

D. CESAR.

Como a achei junto a mim, não m'o perguntas,
 Nem donde vinha! sei só que, volvendo
 Acaso os ollhos, quando a vi contígua.
 Movêo-me o fundo d'alma um sentimento
 Inexplicavel, forte, irresistivel!
 Não foi do seo sorriso o feiticcio
 Eucanto, nem as graças que de entorno
 Às feições lhe adejavão, nem o garbo
 Do portê airoso. Do seo ser foi antes

A mais ima porção, a mais secreta
 Que sujeitou-me com poder celeste,
 Com magia indisivel. Nossas almas
 Como que se tocavão!—sem palavras
 Communicavão-se entre si: voando
 D'uma a outra no ar que respiravamos.
 Era-me estranha e intima comtudo.
 Então, distincto ouvi dentro em minha alma:
 «É essa, ou ninguem mais será na terra!»

D. MANOEL *o interrompe com vivacidade.*

Tal é de amor o grande e sacro effeito:
 Seos raios ferem, prostrão, queimão, rendem
 Quando irmãas duas almas se conhecem.
 Não ha hi resistir, não ha escolha,
 Nos ceos se atou, ninguem na terra o solta!
 —Approvo, meo irmão, teo diser louvo!
 Acaba de narrar meos proprios fados,
 E com arte feliz o veo suspende,
 Que em minha alma confuso esvoaçava.

D. ISABEL.

Hão de os meos filhos percorrer a senda
 Pela sorte traçada: bem o vejo.
 Cae da montanha o rio gigantesco,
 E cava o proprio leito, e rompe estorvos,
 Sem respeitar os tramites regrados

Que lh'a prudencia d'ante-mão marcára.
 Submetto-me (pois que al faser não posso)
 Á forte mão dos déoses inflexiveis
 Que dos meos urdem as confusas sinas.
 No coração dos filhos meos confio!
 É nobre o seo pensar, qual foi seo berço.

D. ISABEL, D. MANOEL, D. CESAR;
 DIOGO apparece na porta.

D. ISABEL.

Eil-o que chega o meo leal creado!
 Acerca-te!. mais perto! honrado velho.
 Minha filha onde está?. Ja sabem tudo,
 Não ha segredo entre nós; mas falla,
 Onde está? Por mais tempo não a escondast
 Para a mór alegria aparelhados
 Aqui nos vês. . . . Avial

Caminhando para a porta.

Que tens? Que, hesitas!

Porque emmudeces? Não são esses olhos
 De quem alegres novas venha dar-me. ¹
 Falla, por Deos! Eu tremo! Onde está ella?
 Beatriz ondê está?

Querendo sair.

¹ VAR.—Porque emmudeces? Porque teos olhos turvos
 Nenhuma feliz nova me annuncião?

D. MANOEL, á parte, admirado.

—Beatriz!

DIOGO, defendo-a.

—Parae!

D. ISABEL.

Onde está? Esta angustia me suffoca!

DIOGO.

Não me acompanha! não te trago a filha!

D. ISABEL.

Mas porque não! Emfim por Deos te explica!

D. CESAR.

Que é feito della, desgraçado? Falla!

DIOGO.

Raptarão-n'a! Corsários a levarão!
Oh! qu'eu não vira semelhante dia!

D. MANOEL.

Coragem, minha mãe!

D. CESAR.

—Animo! escuta
Quanto de tal desastre saber deves.

DIOGO.

Prestes, como havias ordenado,
Sigo direito ao claustro, a vez extrema
Esse caminho dantes percorrido
Tantas veses por mim! Nas leves asas
Da alegria navego!

D. CESAR.

—Ao caso!

D. MANOEL.

—Falla!

DIOGO.

E quando chego ao pateo conhecido
Do claustro, onde eu já fôra tantas veses.

E por tua filha, impaciente, inquirô.
 Leio o terror pintado nos semblantes,
 E, horrorisado, a horrenda nova escuto!

Isabel cae sobre uma cadeira, pallida e fóra de si.—D. Manoel se esforça em socorrer-a.

D. CESAR.

E dises tu que Mouros a roubarão!
 E quem vio Mouros? quem attesta o facto?

DIOGO.

Deo-se fé de um navio de corsario
 Ancorado no porto, em frente ao claustro!

D. CESAR.

Nesse porto se acolhem muitas velas
 Do furor da tormenta! Onde o navio?

DIOGO.

Foi visto esta manhã, já no mar alto,
 Com vento em popa, demandando o largo!

D. CESAR.

E de ontros roubos que fisessem consta?
 Aos Mouros não contenta uma só presa!

Diogo.

Consta que violentos se apossarão
Dos armentos, que ali, pascendo, acharão.

D. CESAR.

Como é que os claustros assaltar poderão,
Da recatada commettendo o rapto!

Diogo.

Era facil, os muros escalando,
Insinuarem-se na cerca do convento!

D. CESAR.

E o ádyto das cellas devassarão?
É 'stricta a regra dessas pias monjas!

Diogo.

As que não são professoras podem livres
Espairecer na cerca.

D. CESAR.

—Ella, frequente
Desse direito usava?! Isso me dise!

DIOGO.

No placido jardim se comprasia,
Frequente, é certo: não voltou só hoje!

D. CESAR, depois de reflectir alguns momentos.

Roubo! dises! Se era, roubal-a facil,
Facil era tambem fugir por grado!¹

IRABEL, levantando-se.

Foi violencia e roubo audacioso!
Nem seos deveres esquecer podia
Minha filha, e a ponto tal, que livre,
De moto proprio um seductor seguisse!
—D. Manoel, D. Cesar! eu cuidava
Uma irmã dar-vos hoje! agora vejo
Que a deverei a vosso heroico esforço!
Eia! meos filhos! vossos altos brios
Invidai! não queirão soffrer tranquillos
Que de um raptor audaz seja despojo
Vossa irmã! Correi antes, tomai armas,
Aparellhai navios! estes portos
Visitai; e por estes mares todos
Ao raptor dai caça: vossa irmã trasei-me!

¹ VAR.—Era-lhe facil voluntaria fuga!

D. CESAR.

Adeós! corro a vingal-a e descobril-a!

Sae.

D. Manoel, como acordando de uma profunda distração, volta-se inquieto para Diogo.

D. MANOEL.

Desde quando a suppões desaparecida?

DIOGO.

Deo-se esta manhã por falta della!

D. MANOEL para D. Isabel.

E tua filha Beatriz se chama?

D. ISABEL.

É esse o nome seo; mas da-te pressa!

D. MANOEL.

Uma pergunta mais. . .

D. ISABEL.

—Nada perguntas!

Corre; de teu irmão imita o exemplo!

D. MANOEL.

Descobre-me o logar. . . eu t'ò supplico.

D. ISABEL *apressando-lhe a partida.*

Minhas lagrimas vê, vê quanto soffro! †

D. MANOEL.

Em que logar tinhas a filha occulta?

D. ISABEL.

Não o fôra no amago da terra!

DIOGO.

Repentino temor de mim se apossa!

D. MANOEL.

Temer, porque? de que? dise o que sabes!

DIOGO.

Causa innocente fui talvez do rapto.

† VAR.—O pranto vê desta mortal augustia!

D. ISABEL.

Desgraçado! revela inteiro o facto!

DIOGO.

Eu t'ò occultei, Senhora, na esperança
 De poupar cuidados ao materno peito.
 Do Principe no enterro, quando o povo,
 De novidade ávido, corria
 A ver o regio funeral solemne,¹
 Tua filha pedio. (porque a noticia
 Té dos conventos ultrapassara os muros)
 Pedio, instou com supplicas ferventes
 Lhe permittisse de assistir ao enterro!.
 Eu, infeliz, senti-me commovido.
 Involta em trajès de pesado luto
 Saio, ao funeral esteve presente!
 Temo que alli, na multidão do povo,
 Que de todos os lados concorria,
 Aos olhos do raptor se revelasse:
 Pois não recatão veos tanta belleza!

D. MANOEL para si, tranquillizado.

Feliz nova, que o peito me alivia!²

¹ VAR.—Curioso de ver a novidade
 Das exequias reaes se atropelava!

² VAR.—Este diser me desafoga o peito.

Ella não era! não lhe ~~quadra~~ a senha.

D. ISABEL.

Stolido ancião, pois me ~~trahiste!~~

DIOGO.

Senhora, não pensei haver mal nisso.
 Parecia-me entrever em tal desejo
 Da natureza a voz, do sangue a força!
 Do proprio ceo julguei divino impulso,
 Mal sabido agoureiro presentir
 Que ao tumulto do pai levava a filha.
 Seo piedoso dever cumprir deixei-a;
 Mas da boa intenção resultou damno!

D. MANOEL para si.

Porque martyrisar-me nos tormentos
 Da duvida e temor? Vou ter certesa!

Vae para sair.

D. CESAR, entrando.

D. Manoel, eu já te sigo, esperat

D. MANOEL.

Não me sigas! Ninguem ouse seguir-me!

sac

D. ISABEL. D. CESAR e DIOGO.

D. CESAR, olhando admirado para o irmão que sac

O que tem meo irmão? Sabes diser-m' o?

D. ISABEL.

O que elle tem, não sei, que o desconheço!

D. CESAR.

Vês-me tão cedo, minha mãe, de volta.
 Porque no ardor do zelo, que me impelle.
 Signal ou indicio me esqueceo pedir-te
 Por onde a irmã captiva reconheça.
 Achal-a acaso poderei, se ignoro
 Donde foi que os piratas a roubarão?!
 Dise-me qual de seo convento o orago.

D. ISABEL.

É a Sancta Cecilia consagrado!
 E por tras das florestas, que se elevão.
 O Ethena vingando, pela encosta facil.
 Quietos remanso de paixões se esconde!

D. CESAR.

Tem animo, confia em nossos braços!

Heide traser-te a irmã; quando precise
 Mares e terras revolver, buscando-a;
 Inquieta-me porem pensar que deixo
 A noiva entregue á protecção de estranhos,
 Quando de ti somente ousou fial-a!
 Vou mandar-t'a: tu guarda-m'a. Em seo peito.
 Em seo amavel coração, confio
 Que a tua angustia, a tua dor abrandem! ¹

Sae.

D. ISABEL.

Quando se ha de apagar a inveterada
 Maldição, que sobre esta casa pesa!
 Maligno ser de meos projectos zomba
 Que no furor não dá tregoa nunca.
 Tão perto já do porto bonançoso,
 Tanto já na fortuna confiava,
 Sentia manso o vento, o mar sereno,
 E a terra ao longe a convidar-me alegre,
 Tinta no rosicler do sol no occaso,
 E eis que de um céu sem nuvens a procella
 Rompe, e das vagas o furor me volvet! ²

Entra no interior do palacio: Diogo a acompanha.

¹ VAR.—Que teos desgostos, tua dor olvides!

² VAR.—Eis que do limpo céu nova borrasca
 Desce, e das vagas o furor me volve.

A scena representa um jardim.

OS DOIS CÔROS, e por fim BEATRIZ.

O côro de D. Manoel vem com vestidos de festa, adornado de coroas, acompanhando o presente do noivado acima descripto. O côro de D. Cesar quer impedir-lhe o ingresso.

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

Farias bem cedendo-me este posto!

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*).

Quando mais bravos m'o pedirem, cedo!

PRIMEIRO CÔRO.

Bem podias notar quanto és molesto.

SEGUNDO CÔRO.

Rasão de mais: se t'importuno, fico!

PRIMEIRO CÔRO.

É meo este logar! Ousas tomal-o?!

SEGUNDO CÔRO.

Se ousou tomal-o!.. Aqui sou eu quem manda.

PRIMEIRO CÔRO.

De D. Manoel por ordem aqui venho.

SEGUNDO CÔRO.

E eu por ordem de D. Cesar fico.

PRIMEIRO CÔRO.

Ceda o mais moço a seu irmão mais velho!

SEGUNDO CÔRO.

Senhor do mundo é quem primeiro o occupa!

PRIMEIRO CÔRO.

Odioso rival, cede-me o campo!

SEGUNDO CÔRO.

Depois que nossas armas se encontrarem!

PRIMEIRO CÔRO.

Pois hei de em meo caminho achar-te sempre!

SEGUNDO CÔRO.

Onde mais me aprouver heide affrontar-te!

PRIMEIRO CÔRO.

Que tens que malsinar nestes logares?

SEGUNDO CÔRO.

E o que tens que diser, se aqui me encontras?

PRIMEIRO CÔRO.

Não vim disposto a conversar contigo!

SEGUNDO CÔRO.

Eu te honrara se a ti me dirigisse!

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

Mais respeito, mancebo, á minha idade!

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*).

Na idade sim, em brios não te cedo!

BEATRIZ, entrando precipitadamente.

Ai de mim! que pretendem estes homens!

PRIMEIRO CÔRO para o segundo.

De ti, dos feros teos, curo bem pouco!

SEGUNDO CÔRO.

A melhor capitão que o teo servimos!

BEATRIZ.

Ai de mim! Ai! se elle viesse agora!

PRIMEIRO CÔRO.

Mentes! D. Manoel o excede em tudo.

SEGUNDO CÔRO.

Nas lutas fica de melhor D. Cesar.

BEATRIZ.

Deve cedo chegar: é este o praso.

PRIMEIRO CÔRO.

Não fosse a paz, do arrojo te doeras!

SEGUNDO CÔRO.

Não fosse o medo, a paz não te impedia!

BEATRIZ.

Quem m'o dera d'aqui a infindas leguas!

PRIMEIRO CÔRO.

Temo a lei, não teos olhos furibundos!

SEGUNDO CÔRO.

Procedes bem! a lei protege o fraco!

PRIMEIRO CÔRO.

Pois começa, e verás.

SEGUNDO CÔRO.

—Desnudo a espada!

BEATRIZ. com a mais viva anciedade.

Vão travar luta! já os ferros brillão!
 Vós, Poderes celestes, demorai-o!
 Ponde tropeços mil no seo caminho,
 Uma cilada armai-lhe, um fojo, um laço.
 Tudo... comtanto que elle aqui não venha!
 Sanctos do ceo, á quem orei fervente
 De m'ó traserdes, não ouvi meos rogos:
 Longe, longe d'aqui, levai-lhe os passos!

Entra apressada: os dois côros chegam ás mãos quando D. Manoel apparece.

D. MANOEL e os DOIS CÔROS.

D. MANOEL.

Que vejo! alto!

PRIMEIRO CÔRO (*Castano, Berengario¹, Manfredos*)

para o segundo.

—Vem! chega-te agora!

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo, Rogerio, Hyppolito.*)

Levemo-los de rojo!

¹ A principio empregou o traductor—*Berenguer*, mudando d'aqui em deante para—*Berengario* - termo por certo mais portuguez que o outro.

DO EDICTOR.

D. MANOEL, pondo-se de permeio com a espada desembainhada

—Fasei alto.

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

É o Principe.

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*).

—O Irmão! Alto! Silencio.

D. MANOEL.

Mortal ferido sobre a terra estendo
 A quem somente os senhos confrangendo
 Renova a luta ou seo rival provoca!
 Que insania! que demonio vos impelle.
 A vigorar do odio antigo a chamma,
 Que entre nós mesmos os Principes se extingue,
 E para sempre vai cair no olvido?!
 Quero saber quem deo principio á rixa!

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano, Berengario*).

Estavão aqui!

SEGUNDO CÔRO (*Rogério, Bohemundo*) interrompendo-os.

—Estes vierão!.

D. MANOEL para o primeiro côro

—Falla!

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

Aqui viemos, meu Senhor, trasendo
 O enxoval, que nos tinhas ordenado,
 Gala trajando, e de maneira alguma,
 Qual nos vês, para a luta preparados!
 Seguíamos em paz nosso caminho,
 Sem mal cuidar, mas antes confiados
 Na paz recente.—Eis senão quando achamos
 Estes aqui de modo hostil postados...
 A nos tolherem com violencia o passo!

D. MANOEL.

Insensatos! Não ha seguro asylo
 Contra o vosso furor, cego e violento;
 Que mesmo aqui penetrão vossos odios,
 Da innocencia no placido retiro,
 A perturbar-lhe a paz!

Para o segundo côro.

—Ide-vos, prestes;
 Vão-se aqui dar segredos, que não soffrem
 Indiscreta presença! Ide-vos, digo!

O segundo côro mostra-se indeciso.

Por minha voz o ordena vosso chefe!

Somos um corpo só, uma só alma!
A ordem de um é de ambos. Retirai-vos.

Para o primeiro côro.

Tu fica, e guarda a entrada!

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*).

—Que faremos?

São amigos os Principes, é certo!
E se dos chefes na contenda e pleitos
Um homem se intromette officioso
Colhe exigua mercê, e arrisca muito!
Esse é dos grandes o theor constante:
Quando se cansão de lutar, depressa
Da culpa o manto sanguinoso atirão
Sobre o coitado que os servio sem dolo!
E desta arte entre si se justificão,
Por isso nossos amos lá se avenhão.
Acho de bom conselho obedecermos.

O segundo côro sae. O primeiro se ordena no fundo da scena: No mesmo momento sae Beatriz e se lança nos braços de D. Manoel.

BEATRIZ e D. MANOEL.

BEATRIZ.

Ès tu! emfim te vejo! Ès meo de novo!
Cruel, que me deixaste aqui morrendo
De sustos e temor, tão longo tempo,

Tão longo! Porem disso não tratemos!
 Vejo-te agora! Em teos queridos braços
 Abrigo e amparo encontro: nada temo!
 Já lá se forão!. Vamos-nos depressa,
 Fugamos sem perder um só momento.

Quer leval-o para fóra, mas reparando nelle attentamente.

Que tens tu! que me acolhes tão solemne,
 Com modo tão sombrio! De mim foges,
 Como que preferisses repellir-me!
 És D. Manoel! És meo amado esposo!
 Estranho-te !.

D. MANOEL.

—Beatriz!

BEATRIZ.

Nada! não falles!
 Tempo não é de fallas vãs, fugamos:
 Mas depressa, fugamos. São contados
 Os momentos.

D. MANOEL.

—Pára! responde.

BEATRIZ.

—Vamos

Antes que voltem esses homens ferros!

D. MANOEL.

Fica! Esses homens nenhum mal nos fazem!

BEATRIZ.

Talvez. não sabes! porem vem, fujaamos!

D. MANOEL.

Protegidá por mim que temer podes?!

BEATRIZ.

Oh! Crè-me que andão nisto homens pujantes!

D. MANOEL.

Nenhum será mais do que o sou, querida!

BEATRIZ.

Tu! . . sosinho contra aquelles todos!

D. MANOEL.

Eu só! Esses homens a quem temes.

BEATRIZ.

Não sabes que homens são, nem a quem servem!

D. MANOEL.

Curvão-se á minha voz, sou delles chefe!

BEATRIZ.

Tu és? oh! que terror me corre n'alma!

D. MANOEL.

Quem sou eu, Beatriz, em fim conhece!
 Erro foi teo julgar-me um cavalheiro
 Pobre, incognito amante! (isso la sempre!)
 Só com amor o teo amor pagando!
 O que devéras sou, o quanto posso,
 De quem deseendo. eis todo o meo segredo.

BEATRIZ.

Não és D. Manoel! Mesquinha sorte!
 Então, quem és?!

D. MANOEL.

—D. Manoel me chamão,

Mas entre os de igual nome, na cidade
Sou o mais alto:—de Messina Principe.

BEATRIZ.

És pois D. Manoel! És de D. Cesar
Irmão?!

D. MANOEL.

—É meo irmão D. Cesar!

BEATRIZ.

É teo irmão?!

D. MANOEL.

Que maravilha ha nisso!

Porque temes? Conheces a D. Cesar,
Ou alguem mais, acaso, de meo sangue?

BEATRIZ.

És D. Manoel que em odio eterno vive
Com o irmão, em combates implacaveis!.

D. MANOEL.

Desde hoje amigos, como irmãos vivemos;

Mais do que o berço o coração nos liga

BEATRIZ.

Desde hoje, amigos!

D. MANOEL.

—O que pensas? dise!

O que assim te perturba? Acaso sabes
De minha casa mais do que o simples nome?
Sei todo o teu segredo? Nada calas!
Nada me escondes? nada, inteiramente!

BEATRIZ.

Que julgas tu? que queres que eu confesse!

D. MANOEL.

É que de tua mãe não me disseste
Jamais uma palavra. Quem é ella?
Reconhecel-a poderias, vendo-a;
Se a descrevesse, poderias!

BEATRIZ.

Como?

Tu a conheces! e occultavas isso!

D. MANOEL.

Ai de ti. ai de mim! se eu a conheço!

BEATRIZ.

Oh! Ella é bondosa como a luz do dia!
 Eu a tenho ante mim!. . . tornão-se vivas
 Minhas recordações!. . . Do fundo d'alma
 Sua imagem divina vai surgindo!
 Vejo os anneis dos seus cabellos pretos
 Do collo pulchro a candidez nublando,
 Da frente vejo a graciosa curva,
 Dos grandes olhos limpidos o brilho,
 Da voz sonora o mavioso accento!

D. MANOEL.

Desgraçado de mim! É o seo retrato!

BEATRIZ.

E animo tive de fugir! deixal-a
 Nesta mesma manhã! no proprio dia
 Que para sempre nos veria unidas.
 Por ti ao seo amor renunciando!

D. MANOEL.

Ser-te-ha mãe a Princesa de Messina,
Vou guiar-te a seos pés. Ella te aguarda!

BEATRIZ.

Que dises?! a tua mãe!. a de D. Cesar
Levar-me!... oh! nunca! nunca!

D. MANOEL.

—De que temes'

O que denota esse terror que exprimes?
Acaso minha mãe conhecerias?⁴

BEATRIZ.

Oh! descoberta lastimosa, horrivel!
Oh! qu'eu não vira semelhante dia!

D. MANOEL.

Que angustia é essa? Agora me conheces,
Achas no teu desconhecido um principe!

⁴ VAR.—Ella não te será de todo estranha?

BEATRIZ.

Restitue-me o meo desconhecido
Que eu com elle serei feliz n'um ermo.

D. CESAR de fóra.

Levar d'aqui! que tanta gente é esta?

BEATRIZ.

Deos! Esta voz! Onde esconder-me agora?

D. MANOEL.

Essa voz! querida, não ouviste nunca,
Conhecel-a não podes!

BEATRIZ.

—Oh! fujaamos!

Fujaamos prestes!

D. MANOEL.

—Mas porque motivo?

É voz de meo irmão, que me procura:
Pasma é certo de ver que elle aqui venha.

BEATRIZ.

Pelos sanctos do céu, te rogo, evita-o!
Foge desse character borrascoso.
Que onde estamos ao menos, não te encontre!

D. MANOEL.

O temor te allucina, não me escutas!
Pois não ouviste já que amigos somos?

BEATRIZ.

Poupa-me, grande Deos, este momento!

D. MANOEL.

Que presinto! que negro pensamento!
Se apodera de mim?! Será possível!
Conheces essa voz?! Pois estarias,
Beatriz?. (Mal me atrevo a perguntal-o!)
Foste às exequias de meo pai?!

BEATRIZ.

—Mesquinha! Ai tr

D. MANOEL.

Mas, foste?!

BEATRIZ.

—Não te enfades!

D. MANOEL.

—Desgraçada,

Foste?!

BEATRIZ.

—Fui!

D. MANOEL

—Deos, que horror!

BEATRIZ.

—Tu me perdôa!

Era um desejo por demais vehemente!
 Confessei-t'o! mas, sem me responderes,
 Sombrio e austero carregaste o rosto!
 E assim. callei-me! mas não sei que influxo
 D'astro máo, com deleite inexprimivel
 Levava-me, forçada, ao cumprimento
 Desse desejo d'alma. O velho servo
 Auxiliou-me, e teo máo grado. fui!

Abraçando-o. Neste momento entra D. Cesar acompanhado de todo o côro

OS DOIS CÓROS, OS DOIS IRMÃOS, BEATRIZ

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*) para D. Cesar.Se não nos queres crer, crê nos teos olhos! ⁴

D. CESAR.

Entra precipitadamente, e recua horrorisado vendo o irmão.

Illusão infernal! Que! nos seos braços?

Approxima-se do irmão.

Venenosa serpente! Assim mentias,
 Illudias-me assim, co'as refalsadas
 Mostras de paz?! O teo amor é esse?
 Voz do proprio Deos era o meo odio!
 Alma de serpe, falsa, ao inferno desce!

Ferindo-o

D. MANOEL.

Eu morro! . . . Beatriz. Irmão! . .

Cae e morre. Beatriz cae desmaiada perto delle.

PHIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

Soccorro! . .

Morte! assassino! levai mãos das armas!

⁴ VAR.—Não crês em nós? Crê no que vês ao menos!

Lave-se em sangue o feito ensanguentado!

Todos arrancão das espadas.

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*).

Parabens, que jaz findo o longo pleito!
Messina agora não tem mais que um chefe!

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano, Berengario, Manfredo*).

Armas! vingança, morte ao assassino!
Caia o traidor em holocausto ao morto.

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo, Rogerio, Hyppolito*).

Nada temas, Senhor, somos contigo!

D. CESAR interpondo-se com dignidade entre os dois côros.

Affastai-vos! . . . Dei morte ao meo contrario,
Que do meo coração leal trahia
A confiança, que a meos pés armava
O amor fraterno desdobrado em laços.
Triste, medonha perspectiva, o feito
Delata; mas os justos ceos julgarão!

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

Desgraças cáião sobre ti, Messina,

Que este horroroso feito acontecido
 Dentro em teos muros foi! Caião desgraças
 Sobre as mãis, sobre os filhos, moços, velhos,
 E sobre quantos no porvir nascerem.

D. CESAR.

O lastimar vem tarde!

Mostrando Beatriz.

Soccorrei-a!

Que torne á vida! e prestes conduzi-a
 Longe deste logar de horror e morte!
 Mais não posso deter-me, a irmã raptada
 Todos os meus cuidados solícita.
 —Ide com ella á minha mãi. Disei-lhe
 Que é seu filho D. Cesar, quem lh'a manda!

D. Cesar retira-se. O segundo côro colloca Beatriz sobre um banco e a tran para fóra da scena. O primeiro côro permanece junto ao cadaver em redor de os jovens, portadores dos presentes do noivado, se ordenão tambem em simici

Côro (*Caetano*).

Nem explicar, nem comprehender posso ⁴
 Como tudo isto se ultimou tão prompto.
 Em espirito, é certo, ha muito eu via
 O espectro do terror com largos passos
 Acercar-se no cruento, horrivel feito!
 De horror porem me sinto transtornado,

⁴ Não sei bem como explique, não comprehendo.

Quando ante os olhos meos se realisa
 O que eu presago receiava apenas!
 Todo o sangue nas veias se me coalha
 Com tão medonho, irreparavel feito.

UM DO CÔRO (*Manfredo*).

Prorompa da afficção a voz sentida!
 Nobre mancebo!
 Eil-o sem vida,
 Na flor dos dias seos eil-o prostrado,
 E das sombras da morte circumdado,
 Quando entrava das bodas no aposento!
 Erga-se pois sobre esse que jaz mudo
 Immensa voz de lugubre lamento!

OUTRO (*Caetano*).

Buscar viemos
 Com pompa e festa
 A noiva honesta
 Para o rito do laço conjugal!
 Trasem estes jovens
 Em sequito ornado
 Os dons do noivado,
 O rico enxoval!
 Está prompta a festa, os convidados promptos,
 Porém o noivo—esse não hade vir!
 Nem mais hade acordal-o a dança alegre.

Que profundo é dos mortos o dormir!

Todos.

É o somno dos mortos pesado e fundo,
 Não terá de acordal-o a voz da noiva,
 Nem ledos sons de trompa animadora:
 Hirto, insensível, sobre o solo jaz.

UM TERCEIRO (*Caetano*).

O que são os projectos e esperanças
 Que o homem transitorio traça e nutre?
 Hoje abraçados como irmãos vos via
 De um só sentir no coração, nos labios!
 Este sol, que tocando o seio occaso
 Apenas vai, deo luz á fé jurada.
 E agora jazes tu no pó envolto,
 Por fratrecida mão roubado á vida,
 Rasgado o peito por mortal ferida!
 O que valem projectos e esperanças
 Que nós, filhos caducos da hora breve,
 Assentamos em um sólo mal seguro?!

Côro (*Berengario*).

Aos pés de tua mãe quero levar-te,
 Desventurosa carga!
 Aos fios da acha homicida

Cortemos este cypreste
 E com seos ramos teça-se um esquife.
 Não produsa jamais cousa com vida
 O que deo fructos de morte!
 Não vingue feliz crescendo,
 Não dê sombra ao viajor!
 Em chão de morte nutrido
 Consagre-se á morte e á dor!

PRIMEIRO HOMEM (*Caetano*).

Mas ai do assassino! ai dellet
 De furor cego eil-o vai!
 Mas pelas fendas da terra
 Mina o sangue, filtra e cae
 No seo amago profundo!
 Onde sentadas estão
 Sem luz, sem cantos, sem falla,
 As deosas sem compaixão!
 E ellas que não se esquecem,
 Que não se enganão, que julgão
 Com justiça rigorosa,
 As gotas d'aquelle sangue
 Em negros vasos aparão;
 Mexem, misturão, preparão
 Ultriz peçonha horrorosa!

SEGUNDO HOMEM (*Berengario*).

Os indicios de crime cedo somem-se!

Na terra, que da luz do sol se aclara,¹
 Como do rosto a contracção ligeira!
 Nada porem se extingue, nem se perde
 Do que as horas fatidicas correndo
 No tetrico e fecundo seio albergão.
 O tempo é como um agro productivo.
 A natureza é um grande Ser com vida,
 E tudo nella ou é semente ou fructo!

TERCEIRO HOMEM (*Caetano*).

Mas ai do assassino! ai delle
 Que plantou mortal semente!
 Tem um aspecto o crime projectado:
 Consumado—tem outro differente!
 Elle, intrepido e audaz te encara em quanto
 Odio e vingança o animo te abrasão:
 Uma vez commettido, irreparavel,
 Já com as faces pallidas te assombra!
 Vê como as temerosas furias vibrão
 As infernaes serpentes contra Orestes!
 Vê como o filho ao matricidio incitão,
 Como, com a saucta apparencia da justiça,
 Seo coração vão sedusindo astutas!
 Té que o levão á funebre catastrophe!
 Apenas porêm rasga aquelle seio

¹ VAR.—Breve do crime apagam-se os indicios
 Na terra pelo sol alumiada!

Que o gerou, que o nutrio estremeçada;
 Eil-as se voltão
 Com sanha crua
 Sobre o infeliz!
 Já reconhece as temerosas virgens
 Que o assassino com mão firme empolgão,
 Para o não soltarem mais.
 Com as serpes eternas o perseguem,
 De mar em mar o acoção sem descanso,
 Té do delphico templo nos umbraes!

O côro retira-se, levando consigo em um esquite o corpo de D. Manoel.

Sala de columnas: a scena é allumiada de cima por
 uma grande alampada.

D. ISABEL e DIOGO, entrando.

D. ISABEL.

Não veio algum recado de meos fillos,
 Se noticia sequer da irmã tiverão?

DÍOGO.

Nado, Senhora, mas confia tudo
 Do zelo e diligencia de teos fillos.

D. ISABEL.

Tenho anciado o coração, Diogo;
Que eu podia evitar este infortunio!

DIOGO.

O aguilhão do remorso não enterres
Em tua alma! Cauta, previste tudo!

D. ISABEL.

Tivesse-a eu mais cedo á luz trasido,
Qual m'ò ordenava occulta voz cá dentro!

DIOGO.

Fora imprudencia: tu obraste cauta!
Das mãos porem de Deos pende o successo!

D. ISABEL.

Onde ha praser sem mescla?—A minha dita
Fora completa a não ser este evento!

DIOGO.

Adiou-se, não perdeste essa ventura.
Ora do accordo entre os teos filhos gosa!

D. ISABEL.

A ambos vi, qual nunca vira d'antes,
Em cordial, estreito abraço unidos.

DIOGO.

E apparencia não foi; senão lisura.
Ambos sinceros o fingir odeião!

D. ISABEL.

Vejo tambem que um terno sentimento,
Um brando affecto os capta. Jubilosa
Conheci que elles honrão a quem amão.
À vaga liberdade renuncião,
Porem das leis não sotrahindo ao jugo;
A solta, impetuosa juventude,
No furor das paixões mantem-se castos.
Diogo! quero agora confessar-t'o:
Eu de terror, eu de cuidados cheia
Do acordar das paixões temia eu nelles
O momento, que em ãdoles violentas
Facilmente o amor se torna em furia.
Se, no accervo que o odio antigo armára
De inflammavel materia, acontecesse
Cair esta sentelha—fatal chamma
Dos zelos! . . . Tremo só de pensar nisso!
Se aquelles dois em tudo tão contrarios,

Pela primeira vez, de modo infausto,
 Logo nisto acertassem de encontrar-se.
 Graças aos Deoses dou! pois essa nuvem
 Negra e minaz, que sobre mim pendia,
 Um anjo a dissipou! Desassombrado
 Livre e facil meo peito ora respira!

Diogo.

Bem podes te jactar do que tens feito;
 Com alma terna e intelligencia clara
 Perfiseste o que o pai não conseguira
 Com todo o seo poder! Tens essa gloria;
 Mas debes tambem muito á tua estrella.

D. ISABEL.

Em muitas cousas fui feliz! em muitas
 Ajudou-mé a ventura! Nem foi pouco
 O segredo occultar tão largos annos
 Ao mais sagaz dos homens—illudil-o,
 No peito reprimir a voz do sangue
 Que, semelhante ao incendio mal tomado,
 Contendia violenta em romper fóra!

Diogo.

Esse favor constante da fortuna
 É penhor de que tudo em bem remate.

D. ISABEL.

Mas eu não bemdirei a minha estrella
 Antes que o fim destes successos veja!
 Vela o genio do mal que me persegue,—a fuga
 De minha filha lembra-m'ò de sobra!
 —Quer o meo acto louves, quer censures,
 Á tua lealdade eu não o escondo.
 Não me soffria o animo deixar-me
 Ficar em ocio vão, emquanto em busca
 De minha filha seos irmãos corrião.
 Alguma cousa fiz;—que onde 'è baldado
 O esforço humano, o céu se manifesta.⁴

DIOGO.

Dise, Senhora, o que convem que eu saiba.

D. ISABEL.

Nos cimos do Ethena, em solitario alvergue
 Vive pio Ermitão que os nossos velhos
 O ancião da montanha appellidarão.
 Mais proximo do céu que os outros bomens,
 Peregrinos na terra, elle a sua alma
 N'aquelles ares limpidos e puros
 Acrysolou; e do alto da montanha

⁴ VAR.—O esforço humano, o céu nos dà conselho.

Tem visto nestes annos derradeiros
 Da sorte o jogo caprichoso, as sendas
 Tortuosas da vida, e incompr'hensiveis!
 Não lhe é da minha extranho o fado,
 Que o piedoso varão tem muitas veses
 Rogado ao céu por nós, e com seos rogos
 Não poucas maldições tem conjurado!
 Mandei-lhe sem tardança um mensageiro.
 Lésto, espedito, no vigor dos annos,
 Para de minha filha ter noticia,
 E a sua volta á cada instante aguardo.

Diogo.

Princesa, se os meos olhos não me enganão,
 Lá vem teo mensageiro a dar-se pressa.
 Certo que a promptidão louvor merece.

OS MESMOS e o MENSAGEIRO.

D. ISABEL.

Nem o mal nem o bem m'o occultes. Dise
 Pura verdade. Que resposta houveste
 Do ancião da montanha ao meo recado?

MENSAGEIRO.

Que voltasse quanto antes respondeu-me;

Já tua filha tinha sido achada!

D. ISABEL.

Feliz annuncio! boca abençoada,
Sempre conforme ao meo melhor desejo!
—E a qual dos filhos meos foi concedido
Os vestigios seguir da irmã perdida?!

MENSAGEIRO.

Foi de teu primogenito encontrada.

D. ISABEL.

É pois D. Manoel a quem a devo!
Sempre filio de benção me foi esse!
—E ao velho tambem deste o cirio bento
Que em mimo lhe mandei, para os seos sanctos
Allumiar com elle?—Outras offrendas,
Posto que humanos peitos regosigem,
De Deos o pio servo as menospresa.

MENSAGEIRO.

Tomou de minhas mãos o cirio bento
Em silencio, e subindo ao altar com elle,
Onde luz frouxa ante as imageis sacras
Via-se arder—rapido nella o accende,

Rapido o fogo communicã á ermida
Onde servia a Deos ha noventa annos!

D. ISABEL.

Que dises? que terror m'entranhas n'alma!

MENSAGEIRO.

E por tres veses a bradar desgraça
A montanha desceo. Silencioso,
Accenou-me porem que o não seguisse,
Que nem volvesse para tras os olhos;
Cheio de assombro aqui tornei com pressa.

D. ISABEL.

Em fluctuantes confusões d'angustias
De novo taes contradicções me arrojão.
Que a minha desejada filha achasse
D. Manoel, o mais velho de meos filhos,
Não póde nova tal em bem sair-me
De tão funesto agouro acompanhada!

MENSAGEIRO.

Olha, Princesa, atras de ti—que prompto
Do ancião o prognostico se cumpre;
Porque ou tudo me illude ou vês a filha

Que choravas perdida, e a quem buscavão.
 Dos fillios teos escoltão-n a os sequases.

Beatriz é condusida pelo segundo côro sobre uma liteira; está ainda sem sentidos nem movimento.

OS MESMOS, BEATRIZ e CORO.

Côro (*Bohemundo*).

Do nosso amo e Senhor, cumprindo as ordens,
 Princesa, a teos pés aqui depomos
 Esta donzella; assim nos foi prescripto
 Físsemos, disendo-te em seo nome
 Que é teo filho D. Cesar quem t'a manda.

D. ISABEL corre para ella de braços abertos e recua de terror.

Ó céos! como está pallida! sem vida!

Côro (*Bohemundo*).

Vive! Hade acordar. Da-lhe só tempo
 Afim que a si possa voltar do enleio,
 Que seos sentidos prende.

D. ISABEL.

—Minha filla!
 Filha de minha dor, dos meos cuidados,

Assim é que nos vemos,—assim tinhas
 De entrar na casa de teos pais! ó deixa
 Reanimar com minha vida a tua!
 Deixa-me unir-te estreitamente ao peito
 Tê que esse mortal gelo se dissolva!
 E de novo ás arterias volva o sangue!

Para o côro.

Mas dise-me onde a achaste? Que desgraça
 Aconteceo?—Como a querida filha
 Vejo em tão triste lastimoso estado!

CÔRO (*Bohemundo*).

Não m'ò perguntes; minha boca é muda,
 D. Cesar filho teo, do acontecido
 Melhor hade informar-te. É elle quem t'a envia.

D. ISABEL.

Queres diser D. Manoel, meo filho?

CôRO (*Bohemundo*).

É teo filho D. Cesar quem t'a envia.

D. ISABEL *dirigindo-se ao mensageiro.*

Não foi D. Manoel que disse o velho?

MENSAGEIRO.

Sim, foi, Princesa; o seo diser foi esse!

D. ISABEL.

Quem quer que seja, esse alegrou minh'alma!
 Devo-lhe a filha, o céo lh'o pague em benções.
 Hade pois um demonio ciumento
 Deste almejado instante a dita aguar-me?
 Heide eu propria conter meo rigosijo!
 Vejo no lar paterno a amada filha,
 Mas ella não me vê, não me conhece.
 Não corresponde ao jubilo materno!
 Oh! abri-vos á luz, olhos queridos,
 Vós, aquecei-vos, mãos, e tu arfando
 Peito, exanime agora, o ar respira!
 Diogo! é minha filha! A encoberta
 Por tanto tempo—a preservada, é esta!
 Posso á face do mundo confessal-o!¹

CÔRO (*Bohemundo*).

Novo, extranho terror haver suspeito
 No que tenho ante mim. De pasmo cheio
 De erros taes o desenlace aguardo.

¹ VAR.—Posso agora ante o mundo confessal-o!

D. ISABEL para o côro, o qual revela certo pasmo e perturbação.

Ó duros corações empedernidos,
 Essa couraça vos garante o peito
 Que do mar semelhante asperos rollos
 O praser dentro d'alma me recalca!
 Debalde em torno a mim gyrando a vista
 Olhos que sintão descobrir procuro.
 Porque tardão meos filhos? esses podião
 Sentir commigo, e eu só aqui me vejo
 Como das crúas feras do deserto,
 Ou de marinhos monstros, rodeada!

DIOGO.

Ella abre os olhos, move-se, respira!

D. ISABEL.

Respira! o teu primeiro olhar me caiba!

DIOGO.

De novo, amedrontada, os olhos cerra.

D. ISABEL para o côro

Affastai-vos! De os ver ella se espanta.

CÔRO (*Bohemundo*) affasta-se

Eu de bom grado ao seo olhar me esquivo.

DIOGO.

Com sorpresa ella em ti seos olhos fita!

BEATRIZ.

Onde estou eu? estas feições conheço!

D. ISABEL.

Vai-lhe pouco e pouco a rasão voltando! ⁴

DIOGO.

Que vai ella faser? Eis se ajoella!

BEATRIZ.

De minha mãi, ó bello rosto angelico!

D. ISABEL.

Vem a meos braços, filha de minha alma.

⁴ VAR.—Volta-lhe a pouco e pouco o sentimento.

BEATRIZ.

Ó minha mãit! vês-me a teos pés culpada!

D. ISABEL.

De novo és minha: tudo mais se esqueça.

DIOGO.

Olha-me. Vê se estas feições conheces?

BEATRIZ.

As cans honradas do fiel Diogo!

D. ISABEL.

O fiel guarda de teos verdes annos.

BEATRIZ.

Dos meos no seio acho-me pois de novo!

D. ISABEL.

Nada ha que nos separe, excepto a morte.

BEATRIZ.

Nem me hasde rejeitar em mãos de estranhos!

D. ISABEL.

Não mais, está satisfeito o fado.

BEATRIZ caindo-lhe nos braços.

E é certo que nos braços teos me vejo.
 Que tudo que soffri só foi um sonho!?
 Pesado sonho, ó minha mãe, terrivel!
 Eu o vi a meos pés assassinado!
 Mas como aqui vim ter? Não me recordo!
 Feliz porém de mim! feliz! que salva
 Em teos braços me vejo. Elles me querião
 Levar ante a Princesa de Messina.
 Antes a morte!

D. ISABEL.

—Torna a ti! querida!

Essa Princesa.

BEATRIZ.

Mais, por Deus, não digas!
 Sinto coar-me, ouvindo o nome infausto,
 N'alma gelo de morte.

D. ISABEL.

—Mas escuta.

BEATRIZ.

Dois filhos tem, que em odio mortal vivem!
D. Manoel e D. Cesar são chamados.

D. ISABEL.

Sou essa mesma. Tua mãe conhece!

BEATRIZ.

Que dises?! que palavras proferiste?

D. ISABEL.

Eu, tua mãe, sou Princesa de Messina!

BEATRIZ.

Mãe de D. Manoel e de D. Cesar?

D. ISABEL.

E também tua: a teos irmãos nomeias!

BEATRIZ.

Quão desgraçada sou! Que luz horrenda!

D. ISABEL.

Que tens? O que te dá tão fundo abalo?

BEATRIZ olha como desvairada em torno de si e attenta no côro.

São estes, são, agora os reconheço!

Não foi sonho o que eu tive! foi verdade

Horrífica! Estes forão testemunhas!

Desgraçados, dissei onde occulto o deposestes!

Caminha com passos rapidos para o côro, que della se affasta. Ouve-se ao longe os sons de uma marcha funebre.

CÔRO.

Oh fado!

D. ISABEL.

—Occulto—quem? o que é verdade?!

Turbados vos callais?! no vosso aspecto

Vejo que a compr'hendeis. Em vossos olhos.

De vossa voz nos raros sons truncados

Percebo o quer que seja de aziago

Pendente sobre mim a ameaçar-me!

O que é?—Quero saber-o! Porque tendes
Os olhos cheios de terror na porta
Cravados? e que sons de la reboão?! . . .

Côro (Bohemundo).

Eis chega! Tudo em mal vai explicar-se!
Tem coragem, Senhora, tem firmeza:
Com constancia supporta o que te espera
A incomportavel dôr com alma heroica!

D. ISABEL.

O que é que vem? O que me espera? Escuto
Da morte os surdos sons, funebres cantos
Por casa entrando! . . . Onde é que estão meos filhos?

Entra o primeiro coro transportando para a scena o cadaver de D. Manoel em um esquife, e o colloca do lado desoccupado. Sobre o esquife vem estendido um panno preto mortuario.

D. ISABEL, BEATRIZ, DIOGO, OS CÔROS.

PRIMEIRO CÔRO (Caetano, Berengario, Manfredo).

Pelas ruas da cidade
Acompanhada de dor!
Vai de roxo a infelicidade
Com olhar prescrutador.
Dos homens na casa espia.

Hoje bate ella
 Nesta porta,—e alem—
 Amanhã n'aquella
 Sem se doer, sem perdoar alguem!
 Triste mensagem
 Aborrecida,
 Não tem tardar,
 Vem cedo ou tarde
 Ao limiar
 Onde esteja quem quer que tenha vida!

BERENGARIO.

Quando as folhas já murchas vão caindo
 Do outono na estação;
 Quando da vida ao tumulto resvala
 Alquebrado ancião;
 A natureza
 Placida cede
 Ao vezo eterno,
 Á antiga lei!
 Nada ha nisso que aos homens dê pavor.
 Porém successos de horror
 No mundo, tambem verás:
 Sanctos laços o assassinio
 Com mão violenta desfaz:
 E no stygiõ bote a morte
 Talvez se occupa a transpor
 Jovens á vida arrancados

Da mocidade na flor!

CAETANO.

Quando em castellos nuvens se amontoão,
 Quando nos céos surdos trovões reboão,
 Sentem-se os corações como opprimidos
 E nas mãos do destino se conhecem;
 Mas tambem das alturas desnublados,
 Sem os trons dos trovões os raios descem;
 Porisso tu nos dias da ventura
 Teme o cambio traidor da sorte dura:
 Não tenhas apego aos bens.
 Da vida breve—matiz;
 Aprende a perder, se tens.
 Receia a dor, se és feliz!

D. ISABEL.

O que escuto?! O que nesse véo se occulta?⁴

Dá um passo para o esquife, e fica tremula e irresoluta.

Elle me attrahe medrosa, e d'outra parte
 A fria mão do horror delle me aparta!

A Beatriz que se interpõe entre ella e o cadaver.

Deixa-me! o quer que for quero—heide vel-o.

Levanta o panno e descobre o cadaver de D. Manoel.

⁴ VAR.—O que escuto?! o que n'esse véo se esconde?

Ó potestades do céo! este é meo filho!

Permanece horrorisada. Beatriz solta um grito de dor, e cae junto ao esquite

Côro (Caetano, Berengario, Manfredo).

Sim, desditosa mãe, esse é teu filho!

A palavra de dor tu mesma a dizes.

Não fugio a meos labios.

D. ISABEL.

—Oh! meo filho!

Meo Manoel! ó compaixão eterna!

Assim me tinhas de voltar? devias

A irmã cobrar á preço do teu sangue

Do poder dos ladrões? Onde se achava

Teu irmão, que não foi em teu soccorro!

Oh! maldito o que fez esta ferida,

Maldito o que gerou o atroz malvado

Que meo filho matou?! Maldita seja

A sua geração!

CÔRO.

—Oh dor! oh fado!

D. ISABEL.

Esta fé me guardais, entes supernos!

Esta a vossa verdade! esta! Ai d'aquelle
 Que d'animo sincero em vós confia! ¹
 Porque tanto esperei, recei tanto,
 Se o resultado é este?! Vós que vejo
 Aqui, emtorno a mim, cheios de assombro,
 Nas minhas afflicções o olhar pascendo,
 Sabei por fim quaes os embustes sejam
 Com que os sonhos e os auguros nos burlão,
 E ninguem mais queira fiar-se em Deoses!
 —Quando mãi desta filha en me sentia!
 Teve de uma vez seo pai um sonho:
 Do leito nupcial via crescendo
 Dois loureiros. Entre ambos se elevava
 Um lyrio, o qual em fogo convertido
 Das arvores se prende á rama espessa.
 E, furioso e rapido, o palacio
 Devora todo em monstruoso incendio!
 Da sinistra visão amedrontado,
 Pedio seo pae decifração a um auguro,
 Um nigromante. O Magico responde:
 «Que se eu d'aquella vez tivesse filha,
 Ella a seus irmãos assassinando,
 Poria termo á sua descendencia!»

Côro (*Caetano, Bohemundo*).

Princesa, tu que dises?! oh desgraça!

¹ VAR.—Que com animo lizo em vós confia.

D. ISABEL.

Ordenou pois seo pai que fosse morta!
 Eu porém removi seo duro fado!
 Pobre infeliz! no berço rejeitada
 Do seio maternal; por que mais tarde
 Aos outros seus irmãos não desse morte!
 Eis que ás mãos do assassino cae um delles,
 Nem foi quem o matou esta innocente!

CÔRO.

Oh! desgraça! oh! desgraça!

D. ISABEL.

—Fê não tive

No que assellava o cultor vão dos idolos!
 Mais segura esperança me animava;
 Que outra voz, que eu veridica estimava,
 Desta fillia me havia futurado:
 «De ardente amor nos laços ella um dia
 Havia unir as almas de meos filhos!»
 Assim, contradictorios os oraculos
 Sobre a sua cabeça accumulavão
 Bençãos e maldições ao mesmo tempo.
 Não a inquinou a maldição—coitada!—
 Nem d'a benção cumprir ficou-lhe espaço!
 Como esta voz mentio, mentio aquella.

Enganadores são ou enganados
 Os que pretendem ler futuros casos.
 Verdade ali não ha que se descubra
 Quer nos rios do inferno, em baixo, haurida,
 Quer nas fontes de luz, em cima, a busques.

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano.*)

Oh desgraça! que dizes?! Não prosigas,
 Da tua boca os impetos refreia!
 Veem muito os oraculos e punem;
 Seos acertos no fim se manifestão.

D. ISABEL.

Não, não me heide conter. Antes bem alto,
 Como me pede o coração, me explico!
 Porque vamos orar ás casas sanctas
 E elevamos aos céos as mãos piedosas?
 Pobres loucos! que prões da nossaa crença
 Nos resulta, quando é tão impossivel
 Dobrar os Deoses, que no alto habitão,
 Como uma seta arremessar á lua!
 O futuro aos mortaes está murado,
 Nem preces ha que os céos de bronze demov o.
 Se á direita ou sinistra as aves voão,
 Se as estrellas assim ou al se ordenão
 Da natureza o livro é sem sentido!
 O sonho é sonho sempre, e os signos mentem.

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*).

Modera-te, infeliz! Ai não prosigas!
 Antes do proprio sol com cegos olhos
 Negues a clara luz. Existem Deoses!
 Confessa-os que elles, duros, te rodeião.

CÔRO.

Existem Deoses!
 Confessa-os. que elles, duros, te rodeião.

BEATRIZ.

Porque, Senhora, me quiseste salva? ¹
 Antes à maldição me abandonasses
 Que. não era eu nascida, me vexava!
 Tu, myope, a ti propria te julgavas
 Mais que os omnividentes atilada.²
 Que os casos d'hoje aos successivos prendem,
 E os tardos fructos no porvir descobrem?
 Para teo damno e meo, e de nós todos,
 Tu, criminosa, subtrahiste a presa
 Que da morte os Deoses reclamado havião!
 Hoje em dobro, e tresdobro elles a tomão!
 Nem te agradeço o triste dom da vida

¹ VAR.—Ó minha mãe, que me quiseste salva!

² VAR.—Mais perspicaz que esses que tudo enxergão.

Para na dor ser consumida em lagrimas!

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*) vivamente commovido, olhando para o lado da porta.

Rompei feridas!
Correi, correi
Em negros jorros
Ondas de sangue,
Sai! rompei!

BERENGARIO.

As ferreas plantas
Oíço estralar,
D'horridas serpes
Sinto o silvar,
Das sevas furias reconheço o andar!

CAETANO.

Desabai, paredes!
E vós, umbraes,
Cai, cai!
Ás passadas d'aquelles pès fataes!
Negros vapores
Subi, subi!
Do fundo abysmo!
Do dia as cores

Encantadoras
 Em vós sumi!
 Deoses, que esta casa protegestes.
 Cedei o passo ás furias vingadoras!

OS MESMOS, D. CESAR.

À entrada de D. Cesar o côro divide-se e recua espavorido para ambos os lados, como fugindo do contacto d'elle. D. Cesar fica só occupando o meio da scena.

BEATRIZ.

Ó céos! é elle!

D. ISABEL adianta-se-lhe ao encontro.

—Oh! vem, meo filho Cesar!
 Olha, contempla o crime d'un facinora
 Dos céos maldito!

Conduzindo o para junto do cadaver. D. Cesar recua de horror, cobrindo o rosto.

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano, Berengario*).

Feridas, abri-vos.
 Correi. correi
 Ondas de sangue,
 Em negros jorros
 Sai! rompei!

D. ISABEL.

Estremecees de horror! eis ahi tudo
 Quanto de teu irmão nos resta agora!
 As minhas esperanças ali jazem,
 E da vossa concordia a flor recente
 Morta em botão. Não verei fructos della!

D. CESAR.

Ó minha mãe, consola-te! sinceros
 Quêriamos a paz: porem o céu quiz sangue!

D. ISABEL.

Quanto o amavas, bem sei. Vi com transporte
 Ennastrar-se entre vós os bellos laços!
 Tu no teu coração querias mettê-lo!
 Dos gastos annos ressarcil-o ás largas.
 Veio a morte violenta a teos extremos
 Oppor-se. agora resta-te vingal-o!

D. CESAR.

Vem, minha mãe, deixemos estes sitios,
 Ao funebre espectáculo te arranca!

Quer leval-a para fóra

D. ISABEL abraçando-o

Mas tu vives! tu unico me restas.

BEATRIZ.

Mãi infeliz, que fases!

-D. CESAR.

—Verte o pranto
Sobre este coração, que não perdeste
De todo o filho: o seo amor perdura
Incorruptível no peito do teu Cesar!

PRIMEIRO CÔRO (*Cuetano, Berengario, Manfredo*)

Abri-vos, feridas!
Mudas fallai!
Em negras ondas
Rios de sangue
Rompei, jorrai!

D. ISABEL pegando nas mãos de ambos

Ó meos filhos!

D. CESAR.

—Quanto enlevo de minha alma
Se apodera, de assim vel-a em teos braços!
Essa filha te seja. . . quanto a outra.

D. ISABEL *interrompendo-o.*

Agradeço-t'a, ó filho! Tu cumpriste
O promettido: incolume a mandastel

D. CESAR *admirado.*

A quem dises, Senhora, que hei mandado?!

D. ISABEL.

A ella, digo,—a irmã que tens presente!

D. CESAR.

Minha irmã?!

D. ISABEL.

—Tua irmã. Que outra mais fôra?

D. CESAR.

Mi ha irmã?!

D. ISABEL.

—Que tu proprio me mandaste.

D. CESAR.

E sua irmã!

CÔRO.

--Oh! desgraça! oh desgraça!

BEATRIZ.

Ó minha mãe!

D. ISABEL.

—Pasmada estou d'ouvir-vos! ¹

D. CESAR.

Maldito seja o dia em que fui nado!

D. ISABEL.

Que tens? ó Deus!

¹ VAR.—Eu me admiro! falla!

D. CESAR.

—Maldito o seio ¹

Onde gerado fui! Sejam malditos
 Teos mysterios, de taes horrores causa.
 Faça-te um raio o coração pedaços:
 Não o quero conter, nem mais te poupo.
 Eu mesmo. sabe-o, a meo irmão dei morte.
 Nos braços della o surpr'endi. É ella
 A quem amava,—a ella para esposa
 Elegera, mas vendo nos seos braços
 A meo irmão. agora sabes tudo!
 Se ella, em verdade, é sua irmã, se é miuha,
 Sou réo de crime tal que não ha remorsos.
 Nem penas ha. que valhão expial-o.

CÔRO (*Bohemundo*).

Elle o confessou. Tu bem n'o ouviste?!
 O pior sabes: nada mais te é occulto!
 O que predisse o hariolo se cumpre.
 Ninguem pode fugir ao seo destino.
 Quem se empenha com artes a torcel-o ²
 É quem mais contribue a consumar-o.

¹ V.M.R.— Maldito o ventre &.² V.M.R.— Quem julga que a prudencia val torcel-a &.

D. ISABEL.

E que me importa a mim, se os Deoses mentem.
 Se verdade praticão? Todo o damno
 Me fiserão. Agora os repto
 A quê ainda sejão mais cruéis commigo.
 Quem não tem mais por que temer, não teme!
 Assassinado jaz meo caro filho,
 E do superste ea propria me separo:
 Esse não é meo filho: é um basilisco
 Que dei á luz, que alimentei aos peitos,
 E ao meo filho melhor deo treda morte!
 —Vem, minha filha, este logar deixemos.
 Aos Deoses da vingança este palacio
 Abandonemos. Um crime aqui me trouxe,
 Delle me expulsa um crime. Constrangida
 Entrei nelle. Entre medos habitei-o,
 De desespero farta o desoccupo: ¹
 Tudo isto soffro insoute. porem ficão
 Os orac'los com honra, e os Deoses salvos!

Sac. Diogo a acompanhã.

BEATRIZ, D. CESAR, CORO.

D. CESAR *retendo Beatriz.*

Fica, irmã. Por tal modo não te ausentes!

¹ VAR.—De dor acabrunhada o deixo agora.

Materna maldição me opprima,—brade
 Seo sangue contra mim aos céos vingança—
 O muudo inteiro me condemne! embora,
 Mas não soffrera ser por ti maldito!

BEATRIZ.

Voltando o rosto, aponta para o cadaver.

D. CESAR.

Não foi ao teu amado a quem dei morte!
 Do teu irmão, do meu, fui assassino.
 Hoje, não te pertence de mais perto
 O ausente, do que o irmão, que ainda vive,
 Que mais que o outro compaixão merece.
 Elle morreu sem mancha, e eu sou culpado!

BEATRIZ.

Rompendo em lagrimas.

D. CESAR.

Pranteia o irmão! eu chorarei contigo,
 Ainda mais—vingal-o-hei. Comtudo
 Não chores pelo amado. Essa vantagem
 Que dás ao morto sobre mim, não soffro!
 Da nossa dor no abysmo haurir me deixa

Esta consolação unica, extrema;
 Que o outro, mais do que eu, te não pertence.
 Do nosso negro fado o desenlace
 Deo-nos a mesma dor e iguaes direitos.
 Na mesma rede involtos, tres amados
 Conjuntos, vão unidos sossobrando,
 E igual lhes cabe, triste jus ás lagrimas.
 Quando penso porem, que esse teo pranto
 Menos respeita o irmão que o teo querido,
 Cholera e inveja á minha dor se meselão,
 E ao meo tormento o extremo alivio ronbão.
 Ja não podera então, qual bem quisera,
 Sagnar alegre victima a seos manes;
 E comtudo minha alma remontára
 Docemente após elle, mal soubesse
 Que as minhas cinzas tu juntando ás suas
 N'uma só urna guardarás piedosa.¹

Abraçando-a com apaixonada vivacidade.

A ti amei, qual nunca amára d'antes!
 Quando pessoa extranha te julgava,
 E porque te amei cego e sobre tudo,
 Do fraticida a maldição me pesa!
 E o meo amor por ti foi só um crime!
 Hoje, que és minha irmã, de ti reclamo
 Fratêrno dó como um tributo sancto!

Interroga-a cheio da ancia com os olhos, depois aparta-se vivamente della

¹ VAR.—Que em urna funeraria as cinzas d'ambos
 Havia tu de recolher piedosa.

Não, não! ver taes lagrimas não posso!
 Ante este morto falta-me a coragem,
 E dúvida cruel me rasga o peito!
 —Deixa-me em erro. Chóra ás escondidas,
 Nem mais me vejas! Nunca mais! não quero
 Vêr-vos--a ti nem a tua mãe! oh! que ella
 Nunca me teve amor! Por fim trahio-a
 Seo coração, que a dor desferrolhára.
 Seo melhor filho ella o chamou, de forma
 Que a vida inteira usou disfarce e engano!¹
 —E tu, como ella, és falsa! Odeia ás claras,
 É vão fingir! Meo execerado aspecto
 Não terás mais de ver. Vai--para sempre.

Sae. Ella fica perplexa, entregue a uma luta interior, depois resoluta sae.

CÔRO (Caetano).

Nas montanhas se pôde ser livre.
 Dos abysmos o sopro empestado
 Não remonta ás mais puras regiões.
 Este mundo é em tudo acabado,
 É perfeito onde quer que não chegão
 As miserias de humanas paixões.
 —Ah! quanto ditoso é—quão bem fadado.
 Quem d'agreste viver n'amenaz paz
 Longe se vê dos turbilhões do mundo,
 É como tenro infante debruçado

¹ VAR.—Que toda a vida andou disfarce usando.

Da natureza no regaço jaz!
 Que o coração nos paços dos senhores
 Trago sempre apertado,
 Porque no breve perpassar d'uma hora
 Cahidos os melhores
 Vejo, e os mais mimosos da fortuna
 Dos cimos da grandesa enganadora. ¹

Tambem andou prudente
 Quem contra as tempestades desta vida,
 À tempo, cauto,
 Na paz dos claustros foi buscar guarida.

Esse lançou de si glorias mentidas!
 Vaidades insensatas,
 Ambições nunca fartas
 Tral-as n'alma tranquilla adormecidas!

Ja não o arrasta o turbilhão da vida,
 Nem das paixões o impeto violento;
 Não se retrata
 Da humanidade a miseranda historia
 No humilde seo pacifico aposento.
 O crime, como a desgraça

¹ VAR.—Que trago o coração acabrunhado
 Nos atrios dos senhores
 Onde vejo os mimosos da ventura
 Cair, no breve prepassar d'uma hora,
 Dos cimos da fortuna enganadora!

Só até mediana altura
 Chega e dali não passa.
 Assim a péste os cimos empinados
 Evita, e na planura
 Derrama a assolação, o susto e a morte!

D. CESAR, CORO.

D. CESAR *com aspecto mais firme.*

Por mais só esta vez nsar apraz-me
 Do supremo poder, em quanto os restos
 Mortaes do caro irmão entrego á terra,
 Com o fausto e pompa que se deve aos mortos.⁴
 Ouvi pois os meos graves mandamentos,
 E, como vol-o ordeno, assim cumpri-o
 Á risca.—Deveis ter ainda em lembrança
 As exequias, não ha muito celebradas,
 Quando de vosso Principe o cadaver
 Ao seo final jazigo acompanhastes.
 Do funebre carpir por estes paços
 Apenas cessa o echo—e outro finado
 Urge atrás do primeiro, e por tal forma,
 Que podem quasi as tochas accender-se
 Umás n'outras, e os prestitos funereos
 Pelos degrãos da escada abalroar-se.

⁴ VAR.—Com o lusimento que se deve aos mortos.

—Dai ordem pois a igual solemnidade
Do castello na igreja, onde repousão
Os restos de meo pai: sem arruido
E trancadas as portas, no mais, tudo
Como já então se fez, faça-se agora. ¹

Côro (*Bohemundo*).

Prestes, Senhor, verás completa a obra.
Qu'inda está levantado o catafalco,
Dessa festa solemne moimento;
O edificio da morte jaz intacto ²

D. CESAR.

Bom agouro não foi deixar-se liante
Dos vivos na mansão a sepultura.
Como foi que, perfeito o rito sacro.
Não se desfez a fábrica ominosa?

Côro (*Bohemundo*)

As desgraças do tempo, as tristes rixas
Que logo após surgirão, dividindo
Messina, destrahirão-nos do morto.
Solitario ficou, cerrado o templo.

¹ VAR.—Qual já se fez; de novo se execute

² VAR.—Ninguem tocou nas construcções da morte

D. CESAR.

Á obra pois dai pressa. Inda esta noite
 Se completem os lugubres aprestos!
 Ache o proximo sel limpo de crimes
 O paço, e geração mais leda adore!

Sae o segundo côro, levando consigo o corpo de D. Manoel.

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

E deverei chamar piedosos monges
 Que os officios, segundo manda a Igreja,
 Resem dos mortos, e a descanso eterno
 Os convide nos canticos sagrados?

D. CESAR.

Sobre os nossos sarcophagos reboem
 Pios carmes, eterno, á luz dos cirios;
 Hoje porem não são mister, que odeia
 Sangrento morto os ritos do sepulcro.

Côro (*Caetano*).

Feito de sangue contra ti violento
 Não resolves, Senhor, com desespero.
 Não ha no mundo quem punir te possa:
 Constricta penitencia os ceos applaca.

D. CESAR.

Se não ha quem por lei punir-me possa,
 Justo castigo devo eu mesmo impor-me.
 Aceita o ceo constricta penitencia,
 Mas o sangue vertido pede sangue.

CÔRO (*Caetano*).

A enchente de afflicções que os teos enluctão
 Deves cortar, não juntar dor ás dores.

D. CESAR.

A antiga maldição rompo morrendo,
 A morte voluntaria abranda o fado.

CÔRO (*Caetano*).

Á orfã terra por senhor te debes,
 Pois que a privaste do outro soberano.

D. CESAR.

Da morte aos numes pagarei primeiro
 Meo debito; outro Deos cure dos vivos.

CÔRO (*Caetano*).

Em quanto o sol nos luz, brillia a esperanza,

Com a morte porem se esvae: reflecte!

D. CESAR.

E tu, cumpre calado os teos deveres,
 E obedecer-me deixa áquella força
 Que me arrasta precipite. O ditoso
 Da minha alma no fundo ler não pôde!
 E se em mim respeitoso não acatas
 Teo soberano: o malfeitor receia
 A quem medonha maldição remorde:
 Honra a cabeça do infeliz que è sacra
 Té mesmo aos Deoses. Quem houver soffrido
 E amargurado n'alma o que eu padeço
 Não tem mais contas que prestar na terra.

D. ISABEL, D. CESAR, e CORO.

D. ISABEL entra com passo tremulo, e lança olhares irresolutos sobre
 D. Cesar: aproxima-se por ultimo delle e falla-lhe com segurança.

Que nunca mais os olhos meos te vissem.
 Assim na minha dor me promettia,
 Mas nos ares dissipão-se os projectos
 Que uma mãe com furor descaroavel
 Faz contra a voz do coração. Meo fillio,
 Dos ermos aposentos onde cevo
 Minhas tristezas—um rumor sinistro
 Me chama. Devo eu crel-o? Será certo

Que um dia só me ronbará dois filhos?

CÔRO (*Caetano*).

Tu decidido o vês, d'animo forte,
A penetrar com voluntarios passos
Da morte na mansão. Ensaia agora
Que poder tem o sangue—qual a força
De patheticas supplicas maternas!
Minhas persuasões forão baldadas.

D. ISABEL.

Revoco a maldição desnaturada
Que na furia de um cego desespero
Derramei sobre a tua cara fronte:
Que mãe, do seo proprio ventre ao filho
Entre dores parido, amaldiçoa?!
Supplicas: lá da abobada lusente
Ellas, preniês de lagrimas, recahem.
Vive: prefiro ver o assassino
De um filho—a ter de prantear por ambos.

D. CESAR.

Não bem reflectes, mãe, no que desejas
Para ti mesmo e para mim. Não posso
Viver mais entre os vivos. Quando o aspecto
Do assassino, que os Deoses aborrecem.

Podesses supportar; eu não soffrera
Da tua eterna dor as mudas queixas.

D. ISABEL.

Não te molestará nenhum queixume,
Nenhuma exprobação hade pungir-te
Té que mais tarde, em placida tristeza
Resolvesse-me a dor! Velado o crime,
Juntos nosso infortunio carpiremos.

D. CESAR pega-lhe na mão, e com voz branda.

Assim terá de acontecer, qual dises:
Hade em branda tristeza transformar-se
A tua dor. Mas quando um monumento
Encerrar juntos—o assassino e o morto—
Quando uma pedra sobre as cinzas de ambos
Arquear-se em abobada: o destino
Hade applicar-se então. Entre os teos filhos
Nenhum descrime hasde faser; e os prantos
Que esses teos bellos olhos derramarem
Ao mesmo tempo correrão por ambos.
É valiosa intercessora a morte!
Ella, as chammas da cholera dissipa,
Os odios mata, e a compaixão amiga,
Mudada em estatua d'uma irmã que chora,
Sobre a urna funerea se debruça
Em carinhoso abraço. Não me estorves,

Antes morrer me deixa, ó minha mãe,
E abonçar com miulha morte o fado ¹

D. ISABEL.

De sanctos milagrosos a Igreja é rica!
Dorido coração volva-se a elles
Afim de achar descanso. No Loreto
Peso de graves crimes se aligeira.²
E virtude do céu abençoada
Expira em torno do sepulchro sancto
Que o mundo remio todo. Tambem valem
Não pouco as orações d'almas piedosas
Ante a face de Deos, ricas de merito;
E por fim no logar do assassinato
Pode expiatorio erguer-se um templo!

D. CESAR.

Do coração pode extrahir-se a frecha,
Mas o ferido nunca mais se cura.
Viva quem o poder viver constricto
De compunção, de acerbas austeresas,
Na expiação tenaz de eterna culpa.
Eu, Senhora, por mim não posso tanto.

¹ VAR -- Ó minha mãe, não venhas estorvar-me.
Morrer me deixa e abonçar o fado.

² VAR.—Graves crimes se tem aligeirado.

Não sei viver de coração sangrado.
 Alegre quero olhar os que são ledos.
 E com animo livre remontar-me
 Às alturas do céu.
 Se a inveja empeçonhava a minha vida,
 Ambos iguaes o teo amor fruindo,
 Pensas que heide soffrer-lhe essa vantagem
 Que sobre mim teos prantos lhe conferem?
 É a morte um crysol que purifica
 A nós mortaes, no seo palacio eterno
 Dá-nos um brilho adamantino, e gasta
 As manchas da imperfeita humanidade.
 Longe, como da terra os astros distão.
 Elle, acima de mim, brilha sublime.
 E se o odio nos trouxe desunidos,
 Quando eramos iguaes e irmãos—agora
 Hade, sem pausa, o coração roer-me.
 Quando elle, conquistando a eternidade.
 Fóra das lutas deste mundo, vóa
 Na voz dos homens semelhante a um Nume.

D. ISABEL.

Ó Céos! pois eu chamei-vos a Messina
 Para que houvesse de enterrar-vos ambos?
 Congraçar-vos foi todo o meo empenho:⁴
 Porem sina fatal os meos desejos

⁴ VAR.—Conciliar-vos, sim, foi meo intento.

Transforma contra mim nos seus oppostos!

D. CESAR.

O resultado sem razão criminas!

Assim, cumprem-se os fados! Nestas portas

• Anciosas de paz, nós dois entramos,

Agora em paz descansaremos ambos,

E sempre amigos—na mansão da morte.

D. ISABEL.

Vive, meo filho! Tua mãe não deixes

Sem amigos na terra do estrangeiro,

À mercê, aos baldões d'homens seni alma,

Que o valor já não temem de seus filhos!

D. CESAR.

Se o mundo frio e duro te escarnece,

Vai junto ao nosso tumulo acolher-te,

E a divindade invoca de teos filhos:

Souros Deoses então, nós te escutamos.

E qual celestes geneos, aos marujos

Constellação propicia, acudiremos

A confortar e roborar tua alma. ¹

¹ VAR.—Á consolar-te e a vigorar tua alma:

D. ISABEL.

Vive, meo filho! Vive, eu t'o supplico!
É-me insoffrivel perder tudo.

Abraga-o apaixonadamente. D. Cesar, sottando-se sem violencia, voltando o rosto estende-lhe a mão.

D. CESAR.

Adeos!

D. ISABEL.

Ah! bem vejo agora magoada
Quão pouco tua mãe de ti consegue!
Mas outra voz não haverá mais doce,
Que mais que a minha o coração te mova?

Approxima-se á entrada da scena

Vem, minha filha; pois se o irmão, que é morto
Com tanta força para a morte o arrasta.
A voz da irmã querida por ventura
Co'os encantos das bellas esperanças
Pode chaniar-o aos gosos da existencia!

BEATRIZ, apparecendo á entrada da scena. D. ISABEL,
D. CESAR, e o CORO.

D. CESAR profundamente commovido á vista da irmã, cobre o rosto com as mãos.

Ó minha mãe! que fazes? que excogitas?

D. ISABEL, *trazendo-a para o meio da scena.*

Eu, bem que sua mãe, baldei meos rogos.
Exora-lhe tu, conjura-lhe que viva!

D. CESAR.

Astuciosa mãe! assim me tentas!
Queres a novas lutas arrojard-me?
Fazer-me a luz do sol inda mais cara
No meo caminho para a noite infinda!?
Eil-o, ante mim, o pulchro anjo da vida
Mil flores odorosas espargindo
A meos passos, e mil dourados fructos
Jorrão da inexgotavel cornucopia!
Do sol aos quentes raios se dilata
Minha alma, e eis no morto peito acorda
A esperança outra vez e o amor da vida!.

D. ISABEL.

Pede-lhe. A ti ou a ninguem mais attende:
Que nos não roube—a ti e a mim—o arrimo.

BEATRIZ.

Uma victima reclama o carø morto:
Elle a terá, Senhora, mas consente
Que a victima seja eu! Votada à morte

Antes de ver a luz da vida, clama
 Por mim a maldição, que vos persegue.
 É roubo ao céu este viver que vivo!
 Fui eu quem o matei, eu de seos odios
 As furias acordei adormecidas:
 É justo pois que os manes seos applaque.

Côro (Caetano).

Ó desditosa mãe! Atras da morte
 Correm teos filhos ambos apostados!
 E aqui te deixão só e abandonada
 No ermo da vida, sem amor, sem gosos!

BEATRIZ.

Tu, irmão, poupa os dias teos queridos,
 Para tua mãe, vive! Ella do filho
 Carece; mas da filha, que achou hoje,
 Pois nunca a possuo, a perda é leve!

D. CESAR para a mãe, com profunda dôr.

Pouco lhe importa a nossa vida ou morte.
 Comtante que ella se reúna ao amado!

BEATRIZ.

Pois invejas do irmão as frias cinzas?

D. CESAR.

Elle vive em tua dor vida ditosa!
Eu eterno serei morto entre os mortos!

BEATRIZ.

Ó irmão!

D. CESAR com expressão de viva ternura.

Será por mim que choras?!

BEATRIZ.

Para nossa mãe vive!

D. CESAR solta-lhe a mão, e recua.

Para ella?!

BEATRIZ reclinando-se em seu seio.

Para ella vive, e tua irmã confortat

CÔRO (*Bohemundo*).

Ella venceo! ás supplicas tocantes
Não pôde resistir da irmã querida.

Mãe infeliz, dá largas á esperança!
 Já prefere viver: fica-te um filho!

Neste momento ouve-se o canto das preces. Abre-se de par em par a porta do fundo, e vê-se a capella, e a eca erigida, e cercada de tocheiros accesos.

D. CESAR voltando-se para o sarcophago.

Não, irmão, tua victima não quero
 Ronbar-te. Tua voz da sepultura
 Mais poderosa que os maternos prantos,
 Mais que do amor as supplicas me atrahem!
 Tenho em meos braços quanto nesta vida
 Minha sorte a dos Deoses igualara!
 Mas ditoso chamas-me, eu, o assassino.
 Tua sancta innocencia no sepulchro
 Jasendo inulta!. Oh! jamais permitta
 Da nossa vida o arbitro supremo
 Tão iniqua partilha no seo mundo.
 —Vi lagrimas tambem por mim choradas,
 Satisfez-se o meo voto: eu já te sigo.

Fere-se com um punhal e titubante vae cair aos pés da irmã, que se lança nos braços da mãe.

CÔRO (*Caetano*), depois de profundo silencio.

Abalado me sinto, e mal vislumbro
 Se lastima, ou louvor, seo fim merece.
 Isto porém conheço, e vejo claro:

Que se o maior dos bens não é a vida,
Dos males o pior de certo é o crime!

20 de Junho de 1862 (a bordo do
CONDÉ em viagem no Mediterraneo).



POESIAS LYRICAS.

A TRISTE FLOR

de Victor Hugo.

(TRADUSIDO DO FRANCEZ.)

À linda borboleta ali-brilhante
A flôr disia assim:
Que differentes somos! Vês que eu fico,
E tu foges de mim!

Nós vivemos contudo sem os homens,
Sem elles nos amamos,
E ambas formosas, ambas flôres, disem
Que nós nos semilhamos,

Mas o ar te conduz! . e eu fico presa! .
 Que fado o meo!
 Com meo perfume antes soprar quisera
 No céu—o vôo teo.

Mas não, que longe vais! . . por entre as flôres
 Me vais fugindo.
 E eu fico a ver-me a sombra que na terra
 Se está bulindo.

Vais e voltas e foges para longe
 Mais caprichosa:
 Assim m'encontras sempre a cada aurora
 Toda chorosa.

Ah! por que d'ora a vante não sofframos
 Magoas cruas,
 Como eu, cria raiz,—ou presta-me azas,
 Como as tuas.

—

Ou rosa ou borboleta,—a morte cedo
 Nos vem buscar,

Não a esperemos, não: vivamos juntas
 N'um só lugar.

N'um só lugar, ou sejam mansos ares,
 Se ali te exaltas;
 Ou sejam campos, se é ali que a relva
 De pranto esmaltas!

Não importa o lugar!—o quer que sejas,
 Alento ou côr,
 Ou corola orvalhada, ou borboleta,
 Ou aza ou flôr.

Vivamos juntas, onde mais te agrade:
 Pouco importa o lugar:
 Que ou seja terra ou céu, estando juntas,
 Nos havemos de amar.



ERRATA.

PAG.	LINHA.	ERRO.	EMENDA.
7	8	enfermidade	enfermidade;
	9	encurtar-lhe os dias	encurtar-lhe os dias.
15	1	da areia a correr,	da areia o correr
125	19	Nado	Nada

PROFECIA DO TEJO.

(TRAD. DO HESPAÑHOL).

Folgava el-rei Rodrigo
Com a formosa Cava—na ribeira
Do Padre Tejo amigo!
O rio—a sobranceira
Fronte eleva, e lhe diz `desta maneira!

«Em hora infausta gozes
Do roubo injusto, ó rei! que o arruido
Escuto já, e as voses
E as armas e o bramido
De Marte,—de furor e armas cingido!

«Ah! quanto essa alegria
 De prantos está cheia! — E essa formosa,
 (Nascida em triste dia),
 À Hespanha, ai! quão custosa!
 Quanto ao sceptro dos Godos lastimosa!

«Chammas, e luto e guerras.
 Mortes e assolações e duros males
 Nos braços teos encerras!
 Trabalhos immortaes
 A ti, e a teos vassallos naturaes:

«Aos que em Constantina
 Rompem o fertil solo,—a quantos banha
 O Ebro, e á visinha
 Sansuenha, e á Lusitania
 E a toda triste e dilatada Hespanha!

«Já lá de Cadiz chama
 O injuriado Conde (que á vingança
 Attende, e não á fama)
 A barbara pujança
 De quem para teo mal não tem tardança!

«Ouve que o céo já toca

Com temeroso som a trompa fera,
 Que em Africa convoca
 Os moiros á bandeira,
 Que livre ao ar desdobra-se ligeira!

«A lança já manaja
 O arabe cruel, e fere os ventos.
 Incitando á peleja
 Innumeraveis centos
 D'esquadras juntas em alguns momentos!

«A gente cobre o solo!
 Já debaixo das velas desaparece
 O mar,—a voz ao polo
 Confusa e vária cresce:
 O pó encobre o dia e o escurece!

«Ai, que já pressurosos
 Sobem as largas náos!—ai que já tendem
 Os braços vigorosos
 Aos remos,—e já rendem
 Os crespos mares, que robustos fendem!

«O Eolo direito
 De pópa infuna a vela; e larga entrada

D'Hercules pelo estreito,
 Em hora malfadada,
 O grão Padre Neptuno off'rece à armada.

«Ai, triste! inda te prende
 O regaço ominoso?!—nem chamado
 Ao grande mal que pende
 Acodes!—Pois tomado
 Não vês o porto a Hercules sagrado?!

«Oh! corre sem demora!
 Desce da serra altiva, occupa o plano:
 Não perdôes á espora,
 Foge ao ocio tyranno,
 Qu'ora convém brandir o ferro insano!

«Ai! quão dura fadiga!
 Ai! quanto de suor vê-se imminente
 A quem veste loriga.
 Ao infante valente,
 Aos homens e aos cavallos juntamente!

«E tu, Betis divino,
 De sangue alheio e teo todo manchado,
 Quanto ao mar visinho

Vais dar d'elmo quebrado,
Quanto corpo de nobres destroçado!

«O furibundo Marte
Cinco vezes as sortes desordena,
Iguaes de parte a parte:
Na sexta, ai! te condemna,
Ó cara patria, a dura e servil pena!»



TENS JOIAS E DIAMANTES

de H. Heine.

(TRAD. DO ALLEMÃO).

Tens joias e diamantes,
Quaes não tem tuas rivaes,
Tens os mais bellos dos olhos. . .
Amor, que desejas mais?

E sobre esses olhos bellos
Já de carmes immortaes
Tenho composto volumes.
Amor, que desejas mais?!

E com esses olhos bellos,
Até não quereres mais,
Tens-me posto á dependura.
Amor, que desejas mais?!

VEM, O' BELLA GONDOLEIRA

de H. Heine.

(TRAD. DO ALLEMÃO.)

Vem, ó bella gondoleira!
Ferra a vela,—junto a mim
Te assenta. . . . Quero as mãos dadás.
E conversemos assim.

Põe no meo peito a cabeça.
Não tens de que recear.
Que sem temor. cada dia.
Te fias do crespo mar!

Minha alma semelha o pego,
Tem maré, tormenta e onda;
Mas finas per'las encontra
Nos seos abysmos a sonda.

NÃO TE DIZ MEU ROSTO PALLIDO.

de H. Heine.

(TRAD. DO ALLEMÃO.)

Não te diz meu rosto pallido
Que eu morro de amor por ti?!.
Queres que a bocca o proclame,
Quebre orgulhosa por si!.

Oh! que esta bocca mal sabe
Beijar, sorrisos compor,
Dizer sardonicos ditos
Em quanto eu morro de dor!

TENHO VENENO NOS VERSOS.

de H. Heine.

(TRAD. DO ALLEMÃO).

Tenho veneno nos versos!....
Pois que menos pode ser?
Era eu quasi uma creança,
Quando m'ò dèste a beber.

Tenho veneno nos versos!....
Pois seja: veneno tem.
Tambem tenho serpes n alma
E a ti, amada, tambem.

AMBOS SE AMAVÃO!

de H. Heine.

(TRAD. DO ALLEMÃO.)

Ambos se amavão, cõmtudo
Nenlum ao outro o disia.
Vião-se como inimigos!...
E um por outro morria.

Separão-se enfim!... nos sonhos
Talvez um ao outro via;
Já tinhão morrido n'alma....
Nenhum do outro o sabia!

ERRATA.

PAG.	LINHA.	ERRO.	EMENDA.
7	8	enfermidade	enfermidade,
	9	encurtar-lhe os dias	encurtar- l he os dias.
45	1	da areia a correr,	da areia o correr
125	19	Nado	Nada



LYRIO E ROSA.

de Herder.

(TRAD. DO ALLEMÃO).

De amor ó rosa, ó lyrio da innocencia,
Como bellas irmãs vos vejo unidas,
Mas quanto sois diversas!

Tu, da innocencia flor, tens propria c'roa!
Sem adorno de flores, n'hastea nua,
Te sustens a ti mesma.

Tu, co'o sangue do amor tingida, ó rosa,
De seos farpões crueis rasgado o seio,
Mostras em torno espinhos!



FORTIFICA-ME, O DEOS!

(TRAD. DO ALLEMÃO).

Fortifica-me, ó Deos, por tuas chagas
Fundas de morte, quando a venturosa
Doce hora, que do céu nos mostra as palmas,
Ao meo leito de morte te aproxime.

Tu, me bafeja então co'as mansas azas,
Socegado descanço!—Espectros feios
Dos meos peccados maus, fugi, parti-vos
Do leitô da afflicção, onde cançados
Meo turvo olhar em lagrimas se apague!

Tu, meo anjo fiel, desce do Empireo:
Traz-me a c'roa do triumpho egregio!
Será mais doce o ar por ti movido,
Mais breve ao céo m'exalçarei contigo!

Quem desta vida inquieta ja transido
À ridente mansão fosse comvosco!
Quem ja comvosco ajoelhado, ó anjos,
De Christo redemptor beijasse o throno!

A CAMISA ENCANTADA

de Uhland.

(TRAD. DO ALLEMÃO.)

«Tenho d'ir-me aos combates, filha cara,
«E o influxo dos astros me é contrario:
«Por isso um encantado vestuario
«Tu, virgem, co'a mão debil me prepara.»

—Como é, pae meo, que vestes de batallas
—De mim, fraca mocinha, te promettes?
—Aço não sei bater, não forjo malhas,
—Apenas fio e teço em meos retretes.—

«Sim, fia; mas na sancta noite seja;
 «Dedica a trama ao inferno, e, quando urdida,
 «Longa camisa tallia-me e comprida,
 «Que nos sangrentos prelios me proteja.»

Na noite sancta, á lua cheia. cedo
 Eil-a sosinha a trabalhar. e logo
 «Seja em nome do inferno!» diz á medo,
 E o fuso gyra em circulos de fogo.

Já, sentada ao thear, o fio atira
 Ao ordume fatal,—tempo não sobra:
 Murmuroso o thear silva e respira.
 Qual se demonios dessem pressa á obra!

As hostes prestes são; dellas na frente.
 O duque em traje singular campeia.
 Em opa longa, larga, alvinitente,
 D'imagens vans, d'estranhos signos cheia.

Como ante um spectro, o inimigo cede o passo,
 Não se lhe atreve alguem, ninguem o affronta:
 Contra elle não tem força o melhor aço,
 A mais aguda seta se desponta.

Eis que um donzel em frente delle pula!
 —Alto, assassino, diz:—alem não passas!
 —Já não te valerão do inferno as traças,
 —Dezfez-se o encanto,—essa obra negra é nulla.—

▶ »Ardem os dois em furia carniceira;
 Rasga-se a opa ao duque: tinge o chão
 Seo sangue,—volvem-se ambos na poeira
 E um do outro amaldiçoa a mão!

Escuta a filha o lamentoso evento:
 «Aonde o duque jaz, esse homem forte?»
 Descobre os dois a portiar co a morte.
 E vendo-os solta horrifico lamento.

«Filha, és tu?! desgraçada creatura!
 «Como o traidor vestido me teceste?
 «Pois d'invocar o inferno te esqueceste
 «Ou já não tinhas mão de virgem pura?»

—Sim, o inferno invoquei: mas ja não era
 —Virgem, quem teceo teu vestuario:
 —Esse, que ao lado tens, me conhecera.
 —O que fiz, ai de mim! foi teu sudario.—



O AMEN 'DAS PEDRAS.

de Kosegarten.

(TRAD. DO ALLEMÃO).

Bem que de velho e cego, o sancto Beda
De prégar não cessava a alegre nova.
Por cidades, aldeias, povoados
Ia por mão de um moço o pio velho
Com fogo e zelo juvenil prégando.

Eis de uma vez o moço a um valle o guia
De grandes pedras soltas semeado:
Mais leviano, que mão, então lhe falla:

«Reverendo senhor, aqui reunidos
 «Stão muitos homens do sermão á espera.»
 Ergue-se o bom do velho incontinente,
 Escolhe um texto logo, explana-o, applica-o,
 Ameaça, consola, exhorta, anima
 Com tanto zelo e devoção, que as lagrimas
 Cahem-lhe em fios pelas brancas barbas.

Quando elle concluindo, o Padre-Nosso,
 Qual convem, recitava, proferindo:
 «Teo é o reino, Senhor, é tua a gloria,
 «Bemdito o nome teo seja p'ra sempre!»
 Eis que em redor no valle infindas voses:
 —Amen, bemdito Padre. amen!—respondem.

De remorso e pavor tomada o moço
 Ajoelha e confessa a culpa grave!
 «Filho, torna-lhe o velho, pois não leste:
 «Hãode as pedras fallar, se os homens se calão?
 «Nem mais, para o futuro, ó filho, zombes
 «Da palavra de Deos! É forte, e viva,
 «E mais que um gladio de dois gumes corta
 «Essa palavra; e se, para affrontal-a
 «Humanos corações se empedernissem,
 «Pedras em corações se converterão.»

SONETO

de ROLLI.

(TRAD. DO ITALIANO EM VERSOS OCTOSYLLABICOS.)

—Dise-me tu, pastorzinho,
Se aqui estás desde manhã,
Viste passar,—sabes onde
Está minha Egeria louçã?

«Anda aqui o seu rebanho,
Mas ha pouco, além, eu vi-a,
Tão certo que por signal
Seo cordeirinho a seguia.

— Ia só com seo cordeiro?

«Não,— ia mais um pastor.»

— Era Sylvio?— «Esse mesmo;

«Mas que tens? Mudas de côr!»

— Feliz de ti, pastorzinho:

Não sabes o que é amor.—

SOBOLOS RIOS¹

de Lope da Vega.

(TRAD. DO HESPAÑHOL.)

Junto às margens dos rios,
De Babilonia—a discantar, sentados,
Passados desvarios,
Escravos, affligidos e cansados,
Choramos ternamente
Com a memoria de Sião ausente.

¹ Foi impressa no PARNASO MARANHENSE, collecção de poesias de auctores maranhenses. Typ. do *Progresso*, 1861—1 v.l. em 8.º de 292 paginas.

Os doces instrumentos,
 Que o Senhor das batalhas lá louvarão
 Em tempos mais contentes,
 E que nossas victorias celebrarão:
 Quando presos ficamos,
 Aos salgueiros extranhos penduramos.

Nossos donos, por dita,
 Ou por euriosidade, ou por vingança,
 Ou porque em tal desdita
 Tambem piedade ao vencedor alcança:
 «Cantai, cantai» disserão;
 Com que mais nossas lagrimas crescerão.

E os que condusião
 Captivos—nossos filhos e mulheres,
 Os hymnos nos pedião,
 Que augmentavão por lá nossos praseres,
 E, em casos tão adversos,
 Os cantos de Sião, os tristes versos!

Mas em resposta, nós
 Á seos rogos, chorando, respondemos:
 «Como pretendeis vós
 Que a rojar ferros, miseros cantemos
 Nesta infeliz cadeia,

Versos da patria amada em terra alheia?

«Se de ti me olvidar,
 Doce Jerusalem, agora ou logo,
 E de ti longe cantar,
 Myrre-se, pois cedeu á força ou rogo,
 A mão que as cordas toca,
 Quando tal sorte lagrimas provoca.

«E se, cantando, der
 Signal de que perdi toda a memoria,
 Em quanto assim viver,
 Cidade sancta, ausente dessa gloria,
 A lingua se me apegue
 Na garganta, e respirar me negue.

«Nem justo é que se diga
 Que eu possa haver jamais contentamento
 Entre gente inimiga:
 Antes prefiro a todo o sentimento,
 E até a vida chara
 Ver-te feliz, Jernsalem preclara!

«No entanto, ó rei divino.
 O castigo prepara ao Idumeo.

Que sendo-nos visinho,
 Não acudio-nos,—antes ao Chaldeo
 Auxiliou, no dia,
 Em que a triste cidade nos rendia.

«E com voz arrogante,
 Mostrando em nosso mal seo odio injusto,
 Ia a bradar diante:
 —Arrasai, destrui, sem dó, sem susto;
 Nem deixe a vossa espada
 Pedra. que torne a ser edificada!

«Tu, Babilonia, agora
 Triumphas! . . . Deos marcará o dia!
 Abençoada a hora
 Em que pagues tão barbara ousadia;
 Ditoso quem viver,
 E o capitão, que tal vingança houver!

«E qual já nos fisestes,
 Das mães os tenros filhos arrancando.
 Hãode fazer a estes
 Que tendes caros,—hãode, os paes olhando,
 Travar das louras tranças,
 Para arrojal-os contra agudas lanças.»

O ANJO DOS OLHOS NEGROS¹

de Emilio Adet.

(TRAD. DO FRANCEZ.)

Quando o somno me pesa nos olhos,
Revoar sinto em torno de mim
Vaga sombra, que ameiga os meos sonhos—
Talvez fôrma de algum seraphim.

Toda a noite um adejo suave
Me acalenta com meigo frescor:
Vem, meo anjo dos cilios retintos,
Vem levar-me nas azas do amor.

¹ Com o titulo de *Uma Visão* sahio publicada no *Album de Canto* do professor D. José Amat, por cujo empenho a traduziu o poeta do francez, depois de composta a musica, o que é trabalho de difficil execução.

Passo a noite, se acaso repouso,
Sempre a ver-te nos meos sonhos d'oiro—
Alva a tez, breve a boca rosada,
Sob o veo escondido um thesouro.
N'uma rede de encantos me prendes
Com grinaldas de mystico olor:
Vem, meo anjo dos cilios retintos,
Vem levar-me nas azas do amor.

Bella fada que doiras meos sonhos.
Que sympathica a vida me fez.
Já não és illusão mentirosa.
Eu te vejo acordando talvez.
Bello anjo de uma alma celeste.
Que és resumo de graça e pudor:
Vem, meo anjo dos cilios retintos.
Vem, m'arrouba d'extremos de amor.

FRAGMENTO DA DIVINA COMEDIA

de Dante

PURGATORIO—CANTO VI.

(TRAD. DO ITALIANO).

... ..

Mostrar-vos um atalho talvez possa
O Espirito que vês—alem sentado
Com os olhos sobre nós.—Assim Virgilio

• Fecho esta collecção com o presente fragmento da difficil epopéa do grande Alighieri, não que o nosso poeta, quando o traduziu em menino (1844) o destinasse para ver algum dia a luz da critica, mas por nos parecer digna de figurar entre versões tão mimosas e fieis.

E nós ao pé do Espirito—chegamos.
 Oh! como eras ali—alma lombarda,
 No rosto—desdenhosa—e altiva—tanto
 Como dos olhos no volver—tardia!
 Vio-nos sem pasmo—magestosa e muda—
 Deixando-nos passar nos encarava
 Semelhante ao Leão, que em paz descansa.
 Pedio-lhe o guia meo, que nos dissesse
 De subir o rochedo a melhor via.
 Foi muda ao responder—mas perguntou-nos
 Qual era a nossa patria, e os nossos nomes,
 E o meo doce Virgilio—começava:
 Em Mantua. . . E a sombra commovida e alegre
 Ergue-se do logar—em que era d'antes—
 Clamando: ó Mantuano—eu sou Sordello,
 Da tua patria sou.—De patria ao nome,
 Nella pensando, se abraçarão ledos.

Italia—Italia—do soffrer albergos,
 Fragil batel em vagas tormentosas,
 Sem piloto—e sem leme—ó serva Italia,
 Não dona de provincias—não rainha,
 Mas tributaria vii—mas prostituta,
 Não ouviste? a gentil alma penada
 Affeita aos patrios sons—affeita á doce
 Concordia já passada—ergueo-se prestes
 Por que abraçasse—da sua patria ao filho—
 E hoje os teos que vivem—mutua guerra

Se fasem—dos que encerra o mesmo valo
 Um cruamente despedaça o outro.
 Sobre o teo littoral—os olhos baços
 Misera estende—no teo seio os fixa
 E um só recanto—não verás pacífico!

... ..
 Ó Alberto, allemão, que a abandonaste

Justa punição dos céos descendo
 Caia sobre os teos—e tal seja ella
 Que o rei, teo successor, tema imitar-te!
 Pois que tu e teo pae—haveis querido,
 Por quererdes reinar—alem dos Alpes,
 Que do Imperio o Jardim ficasse inculto;
 Ora vem ver Montechi e Cappelleti,
 Monaldi e Philipeschi—divididos—
 Que são escravos—ou que temem sel-o;
 Verás, como te chora a tua Roma
 Viuva e triste e só—de noite e dia
 Entre amargos soluços repetindo:
 Ó Cesar meo, porque de mim te foste?!
 E vendo por que modo a gente se ama,
 Ou sente compaixão—ou tem vergonha
 Da immerecida fama—e do teo nome.

E se licito me é, Senhor superno
 Que soffreste por nós cruel martyrio—

Porque de sobre nós tiraste os olhos?
 Ou por ventura no profundo abismo
 Do teo alto pensar—melhor futuro
 A nós mortaes occulto nos preparas?
 Que as provincias da Italia—já se encherão,
 Já fervem, já transbordão de tirannos,
 Que altós Marcellos—de villões se fasem.

E tu—Florença minha—sê contente
 Com teo povo subtil—que a ti não chega
 Da mente o máo errar—pois não és rica,
 Pois não gosas de paz—pois não tens fastos
 Com que aos incred'los provarias isto?
 Lacedemonia, Sparta—e Roma e todas
 Do bom viver civil—proficuas mães—
 Não o forão menos—do que o és agora?
 Menos o forão—do que tu, que forjas
 Decretos tão subtis—que a meio Outubro
 Não chegão—se em Setembro os fabricaste.
 No tempo índa lembrado ah! quantas veses—
 De costumes—de leis—d'officios—d'usos—
 Não tens refeito —e feito—e renovado?
 És tal—que és semelhante àquella enferma
 Que sobre o leito afflicto—se revolve,
 E só com o se mudar—de dores muda.

APPENDICE.

De todas as versões, que havia o poeta colleccionado para os seus volumes de ECHOS D'ALEM-MAR, nenhuma tinha em melhor conta do que as do nosso comprovinciano Trajano Galvão de Carvalho, tão bom poeta, quanto philologo aprimorado, e que, do pouco que produziu no seu curto peregrinar n'este mundo, não ha que desdenhar por somenos. Tenho para mim que presto algum serviço aos amantes das boas lettras com vulgarisar as traducções poeticas de Trajano, que encontrei entre os manuscritos de Gonçalves Dias, e por isso as publico como appendice ás do interprete de Schiller.



MOYSÉS NO NILO

de Victor Hugo.

Neste tempo veio a filha de Pharaó
a banhar-se no rio, acompanhada das suas damas
que caminhavam ao longo da borda d'agua.

EXODO II.

«Co'a fresca da manhã mais fresco é o rio,
Vinde, irmãs; o ceifeiro inda repousa,
A marge'inda está erma:

De Memphis um murmurio se ergue apenas,
 Por entre as ramas só a rosea amora
 Espreita os nossos brincos.

«Nos paços de meu pae brilham as artes;
 Mas estas flores simples mais me agradam,
 Do que os talhaões porfidios;
 Da natureza eu amo as harmonias,
 E á, que trescala em artezões, caçoula
 Prefiro o olor do zephyro!

«Vinde: a agua 'stá tão calma, e o céu tão puro!
 Nestas silvas deixae de azues sanefas
 Vossos sendaes delgados;
 Esta c'roa tirae-me, e os véus ciosos;
 Pois eu quero folgar hoje comvosco
 Nas ondas murmurantes.

«Vamos!..., Mas da manhã por entre a nevoa
 Que vejo... lá ao longe, no horisonte?
 Não vos assusteis, virgens!
 Hade ser algum tronco de palmeira,
 Que, p'ra ver as Pyramides, os mares
 Arrastram dos desertos.

«Mas que digo? Se os olhos não me enganam
 D'Hermes a barca é ou concha de Isis,
 Que leve brisa impelle....
 Porem não: é esquife em que descubro
 Meigo infante a dormir ao som das vagas,
 Como ao collo materno!

«Dorme; e de longe o leito fluctuante
 Simelha o ninho d'alva pomba, á tona
 D'agua a boiár sem rumo.
 Erra a sabor do vento a infantil cama;

Dorme das ondas ao balaço, e o pego
Sua tumba acalenta!

«Elle acordou! correi, virgens de Memphis!
Chora!... Ah! que mãe seu filho entregar pôde
Ao capricho das ondas?
Move os bracinhos e a agua em redor tóa.
Ah! só tem por muralhas contra a morte
Fragil berço de vimes.

«Salvemol-o; é talvez israelita.
Proscreeu-os meu pae; que crueldade
Proscreever a innocencia!
Commovem meu amor suas desditas,
Quero ser sua mãe, dar-lhe-hei a vida,
Se não o nascimento.»

Iphis de um grande rei a esp'rança e o mimo
Pelas orlas do Nilo divagando,
Iphis assim fallava:
E as lindas damas, que ella inda offuscava
Quando despia as telas d'oiro, criam
Ver a filha das ondas.

Já freme a onda sob os pés mimosos;
P'ra o menino que geme, a piedade
Guia-lhe os passos timidos.
Agarra o esquite!... e altiva com tal carga
Na bella fronte o orgulho se mistura
Com o pudor singelo.

Cortando as ondas, e quebrando os vimes
Ella traz e depõe na fresca areia
O infante que salvára;

E as demais virgens alternavam beijos
 Nas faces do menino, que se extranha
 De ver tanto sorriso.

Corre tu, que da duvida nos trances
 O teu predestinado filho segues,
 Chega como uma extranha;
 Vem: Iphis não é mãe; nada receies;
 Nem temas que os transportes te atraíçoem
 Ao colmal-o de beijos!

Então, enquanto a virgem triumphante
 Ao rei feroz levava o infante humilde,
 Que a mãe banhára em lagrimas,
 Ouviam-se no céu em chòre os anjos
 Que ante o Senhor co'as azas se velavam,
 Cantando ao som das lyras.

«Não mais gemas, Jacob, na terra extranha,
 Nem beba tuas lagrimas o Nilo:
 Do Jordão as margens abrem-se.
 Verá Gessen p'ra terra promettida
 Fugirem, mas que peze aos seus tyrannos,
 As longo-oppressas tribus.

«Sob a figura de um menino, salva
 Das ondas uma virge' ao rei das pragas,
 Ao eleito do Sinai.
 Salva a Israel um berço, e um berço ao mundo
 Ilade remir; tu, que não crês no Eterno,
 Curva-te, humano orgulho!»

MOYSÉS

Poema, por Alfredo de Vigny.

Das tendas nas cuniadas prolongavam-se
Obliquos raios, flammæ coruscantes,
Aurea esteira, que o sol rasga nos ares
Ao deitar-se na areia dos desertos.
De oiro e purpura se arreiava o campo.
Subindo a encosta do infecundo Nebo,
Moysés, homem de Deus, pára e co'os olhos
Cerca—limpo de orgulho—o horisonte.
Logo, cingida de figueiras, Phasga
Descobre; além dos montes, que divisa,
De Ephraim, Galaad, Manassés as terras
Ferteis ao dextro lado se desdobram;
Judá, ao sul, árido e grande amostra
O areial, onde dorme o mar occiduo;
No valle, Nephtali, que a tarde ensombra,
Co'a c'roa de oliveiras verde acena;
Na florida planicie lá se avista
Jerichô, a cidade das palmeiras;
Multiplicando os troncos, o lentisco
Dos plainos de Phogor vai até Bale.

Chanaan vê todo, e a terra promettida,
 Que aos ossos seus recusará jazigo.
 As sacras mãos sobre os Judeus espalma,
 E p'ra o cume de novo se encaminha.

Cobrindo de Moab os vastos campos,
 Os filhos d'Israel no sancto valle
 Á raiz da montanha fluctuavam,
 Qual seára encurvada pelo norte.
 Desde a hora em que o orvalho humecta a areia,
 E de per'las salpica o bôrdô altivo,
 Propheta centenario, cheio de honra,
 A topar-se com Deus Moysés partira.
 Co'os olhos seguem-lhe os flammantes cornos,
 E ao cimo logo que attingiu do monte,
 E co'a fronte feriu de Deus a nuvem,
 Que o monte coroava de relampagos,
 Nas saxeas aras fumegou o incenso.
 Seiscentos mil Hebreus no pô curvados.
 Á sombra do perfume, que o sol doira.
 Cantaram juntos o sagrado cantico;
 Ás densas tribus—de Levi a tribu
 Sobrelevando, qual cypreste a areia,
 Do povo as vozes a harpa acompanhando,
 Ao Rei dos Reis encaminhava o hymno.

Em pé diante de Deus, na nuve'escura,
 Face a face com Deus Moysés fallava:

«Não me dareis, Senhor, á vida um termo?
 «Onde quereis que os pés dirija ainda?
 «Viverei sempre só e poderoso?

«Da terra o somno dae, Senhor, que eu durma.
 «Que vos fiz eu para ser vosso eleito?
 «De vosso povo á testa hei sempre andado,
 «Eil-o ás raizes da terra promettida;
 «Minha grave missão outrem que aceite,
 «Ao popular corcel as redeas tome,
 «Eu lhe légo o meu livro e a bronzea vara.

«Porque não me deixastes, simples homem,
 «Co'as minhas ignorancias e esperanças,
 «Visto que a sepultura, em que repouse,
 «Do Horeb ao Nebo achar inda não pude?
 «Ah! entre os sabios sabio me fizestes!
 «Eu guiei pela mão o povo errante:
 «Na cabeça dos reis derramei fogo;
 «Minhas leis adorar hade o futuro;
 «Dos homens abro o mais antigo tumulo,
 «A morte escuta a minha voz prophetica,
 «Sou grande, nas nações firmo os meus passos,
 «Faço e desfazo as gerações do mundo.—
 «Ah! vivo poderoso e solitario,
 «Da terra o somno dae, Senhor, que eu durma.

«Os segredos do céu tambem devasso,
 «Que aos meus olhos a luz dos vossos déstes.
 «A minha voz da noite os mantos rasgam-se;
 «Conto as estrellas todas por seus nomes,
 «—Eis-me aqui!—diz correndo apressurada,
 «A que eu chamei com um gésto ao firmamento.
 «Nos flancos turbidos das nuvens gélo
 «A marulhosa fonte das procellas;
 «Em revolto areial afogo os reinos;
 «Com os hombros do vento allúo os montes;
 «Indefeso o meu pé do espaço zomba,

«Por que eu passe, o mar-roxo se represa,
 «E a minha voz abafa a do oceano.
 «Quando o meu povo soffre ou leis precisa,
 «Os olhos ergo, e aspiro o vosso espirito,
 «A terra então vacilla, o sol hesita,
 «Nos céus os anjos émulos me applaudem.—
 «E comtudo, Senhor, feliz não vivo,
 «Envelheci poderoso e solitario,
 «Da terra o somno dae, Senhor, que eu durma.

«Assim que o sopro vosso encheu-me, os homens
 «Disseram entre si, que eu lhe'era extranho;
 «E a meu olhar de fogo os seus baixaram,
 «Porque mais que minha alma nelle viam.
 «O amor de mim se esquivava, o amigo foge,
 «Morrer temendo as virgens se velavam.
 «E escondendo-me á sombra da columna
 «Ante todos marchei involto em gloria:
 «E eu disse dentro d'alma: Que me resta?
 «Para um seio de virge' é grave a fronte,
 «Minha mão faz tremer a mão que aperta,
 «Minha voz é trovão, relampo a face;
 «Porisso em vez de amar-me, de mim tremem,
 «E quando os braços abro, elles se prostram.
 «—Hei vivido pod'roso e solitario,
 «Da terra o somno dae, Senhor, que eu durma.»

O povo esp'rava, e receiando a ira
 De Deus, orava sem olhar p'ra o monte;
 Que se os olhos erguesse, a escura nuvem
 Os trons da tempestade ribombára,
 E, encadeiando os olhos, os relampagos
 Continham curvas de Israel as tribus.

E no monte Moysés não mais foi visto.—
Choraram-n'o.—P'ra terra promettida
Pallido caminhava e pensativo
Josué, que de Deus era o eleito.

A FILHA DE JEPHTÉ,

Poema de Alfredo de Vigny.

E d'aqui veio o costume e se tem conservado
o uso,

De que uma vez cada anno se ajuntam as fi-
lhas d'Israel, para chorarem a filha de Jephthé
de Gataad por quatro dias.

JUZES. CAP. XI. v. 40.

Jephthé destruiu de Galaad as cidades,
As chaminas arderam nas vinhas de Abel!
Na cinza as cantigas de Aroër se apagaram,
As ceifas talou de Mennith Israel.

De Ammon os guerreiros vencidos, curvados,
Já pagam tributo ao Senhor nosso Deus;
Com gritos agudos Isr'el fere os ares,
Humilde agradece os soccorros dos ceus!

Ao hymno, que echôa no vasto deserto,
 Já caza o clarim seu agudo clangor,
 Às torres de Maspha o exercito ao longe
 Reconta que Jéphte ficou vencedor.

Do povo nas faces transluz a alegria,
 Mas surdo aos clamores de gloria Jephthé
 Co'a fronte caminha sombria vergada,
 E subito pára, desmaia, não vê.

Desmaia, não vê; porque ao longe as donzellas
 Com passos medidos lá vem a cantar,
 E as vozes do côro sagradas, festivas,
 O fazem de medo tremer, desmaiar.

E ouve o concerto que vem, que o festeja,
 A harpa harmoniosa, o sonoro tambôr,
 Da lyra os dez sons, o nebel estrangeiro,
 E a voz argentina do leve Kinnor.

Mais perto já são as palavras sagradas,
 E os passos medidos no lédo dançar,
 E o dôce arruído de gratos applausos,
 E os ramos de flôr o caminho a juncar.

Os joelhos lhe vergam com o pèso das armas,
 A lagrima esquecida nos olhos luziu;
 Que o pae d'entre as vozes as vozes da filha
 Cantando um singelo cantar distinguuiu.

«Eu quero a primeira cingir-lhe os cabellos
 Co'a c'rôa de fiores que eu mesma teci!
 Ó virgens! meu pae no seu lar outra filha
 Não beija, não ama—só vive por mi.»

Co'os braços inlaçã piedosas caricias
 No collo tostado do pae: «que tardaes?
 Porque não fechaes-me nos vossos abraços?
 Porque vossos olhos em pranto banhaes?»

—«És tu, ai! és tu, minha filha querida!
 Os olhos abrindo o pae diz-lhe a gemer:
 «És tu, ai! és tu, minha filha! oh! martyrio!
 Que lagrimas vão d'esse abraço correr!

«Em cambio do crime quereis innocencia,
 Vingança vos praz, Deus injusto, Deus cru!
 Amaes, Deus cruel, os vapores do sangue!
 Um'hostia lhe devo... ai! filha, que és tu...»—

«Eu?» diz. E seus olhos de per'las se abrolham.
 É moça, era bella, e é doce o viver...
 Depois respondeu:—«Pois que haveis promettido
 Dispôr de meus dias, podeis conceder

«Que as virgens levando comigo às montanhas
 Dois mezes inteiros eu pôssa gozar
 Da vida com ellas e da liberdade,
 E virgindade e juventude chorar!...

«Porque jamais heide lavar um meu filho
 Nas aguas sagradas—ufana de amor,
 Não lhe lançareis ao nascer vossa bençã,
 Meus cantos não hão de abrandar sua dôr;

«E quando eu morrer, a donzella não hade
 Ciosa indagar se era esposa de alguem,
 Por mim que guerreiro trajára cilicio,
 Só vós em meu tum'lo sereis—mais ninguem.»

Chorava o exercito, a fronte cubria
De cinza e de sacco—e o pranto de pae
Jephté no seu manto occultava dos homens,
E ouviu-se por entre os soluços—«oh! vae!...»

Curvando a cabeça, partiu. Nas montanhas,
Qual nós a choramos, as virgens choraram:
Depois off'receu-se ao cutello paterno.
—Eis'qui d'Israel o que as virgeus contaram.

A' MORTE DE J. B. ROUSSEAU.

de le Frank de Pompignan.

Quando o mór cantor do mundo
Nas frias plagas morreu,
Nas quaes o Hebro profundo
Mutilado o recebeu,
Nos montes o Thracio errante
Com seu carpir penetrante
O bosque e o campo atroou;
Seus gritos o ar abalaram,
E nos antros, que echoaram,
Rugindo o leão chorou.

Seu Orpheu perdeu a França...:
Musas, erguei-lhe um tropheu
Com toda a pompa e pujança
Que pede o atahude seu;
Oh! fazei novos prodigios,
Deixe brilhantes vestigios
Tal dia de pranto e dó:
Assim sombreia o jazigo

De Virgilio o louro antigo,
Por vossos cuidados só.

Rousseau, grande e desditoso,
Da vida os ferros quebrou,
E, longe do céu saudoso
Da patria, os olhos cerrou...
Quem lhe causou tantas dôres?
Quem seu caminho de flôres
D'espinhos pôde abrolhar?
Que vida peregrinada!
E que multidão cerrada
De imigos a debellar!

Té quando, mortaes ferozes,
Sereis de fel e rancor?
Serão sempre vossas vozes
Os rugidos do furor?
Duro na cholera minha
Rio da sorte mesquinha
Do meu prostado rival;
Elle se alevanta, e eu caio
A seus pés, do mesmo raio,
Que eu provocára fatal.

Do seio da eterna treva
Erguendo-se a inveja aos céus,
Co'as azas, em que se eleva,
Furta á luz os olhos seus,
Que monarcha, que ministro,
Lhe vence o odio sinistro,
Que o tempo a custo corrôe?
É lote nosso a desgraça,
E o heroe, por mais que faça,
Quando morre é que é heroe.

Viu o Nilo os habitantes
Do Sarah negros, sem lei,

Com seus gritos insultantes
Apuparem o astro-rei;
Gritos vãos, loucos furores!....
Em quanto com seus clauores
Aturdem a terra e o céu,
O sol a caterva inmundada
De um mar de lumes inunda,
Tranquillo no gyro seu.

O CAÇADOR E A LEITEIRA.

de Beranger.

Com doces cantos a calhandra alegre
De alno dia .o vermellio despontar,
O amante caçador segue, oh leiteira,
Meigas fallas de amor has de escutar;
Da primavera as orvalhadas flores
Vamos, oh bella, para ti colher.
—Não, caçador, de minha mãe hei medo
E o meu tempo não pôsso aqui perder.—

Tua mãe por detraz d'aquelle oiteiro
Co'a mimosa ovelhinha longe está.
Olha, aprende, oh leiteira, esta modinha,
Tão bonita na côrte outra não ha;
A moça, que lograr saber canta-la,
Os mais voluveis poderá prender.
—Tambem sei, caçador, modinlias ternas
E o meu tempo não posso aqui perder.—

Porque o possas contar, o triste caso
 Aprende de um barão mui furibundo,
 Que de cioso arrasta a pobre esposa
 Viva e bem viva para o outro mundo;
 Historia que, narrada em noite escura,
 Faz quem ouve de medo estremecer.
 —Tambem sei, caçador, contos mui tristes
 E o meu tempo não posso aqui perder.—

Quero ensinar-te uma oração mui sancta
 Com que aplaques o lobo esfomeado,
 Com que possas zombar das feiticeiras,
 Livrar-te de quebranto ou máo olhado.
 Bem pode alguma velha malfazeja
 Vis maleficios contra ti fazer.
 —Não tenho, oh caçador, o meu rosario?
 E o meu tempo não posso aqui perder—

Pois bem, vês esta cruz? como é brilhante,
 Cravada de rubins de grão valor!
 Da moça, que ella orar, ao lindo seio
 Os olhos chamará... cegos de amor.
 Será tua, apesar do alto preço
 Mas vê lá... o que em troca hei de querer!
 —Sou vossa, caçador, quanto é formosa!
 E o meu tempo não posso mais perder!

OS MANDAMENTOS DO CREPUSCULO.

(TRAD. DO FRANCEZ).

O toque das matinas sôa nove vezes
Na torre e me desperta, e diz: «deves orar!»
E diz primeiro toque: um Deus sobre ti vela,
Ou seja noite densa, ou brilhe o sol no mar.

E diz segundo toque: ao bom Jesus dâ graças,
Que ainda te concede um dia mais viver.
E diz inda o terceiro: em Deus firme confia,
Caminha! é d'elle a via que hemos de batter!

O toque das matinas sôa nove vezes,
E o mundo recomeça infrene a marulhar,
Um quarto parecer do sino a voz sonora
Me dá: sê diligente, é nobre o trabalhar.

A quinta voz badalla: ajuda os outros homens;
 Quem hoje tem de seu, pôde inda carecer.
 Sé franco e verdadeiro, o sino inda murmurava,
 Que o peito limpo e são não hade esmorecer.

O toque das matinas sôa nove vezes,
 No peito altas virtudes nitidas aviva.
 O septimo som diz: sé parco nos prazeres,
 Da mundo não te engane a falsa perspectiva.

E diz oitavo toque: arrosta o soffrimento;
 Com elle é que Deus prova o animo do forte.
 Medita, homem, na morte, o sino outra vez brada,
 Que a vida n'este mundo é aurora da morte.

O toque das matinas sôa nove vezes,
 Comsigo cada um se diz: «orar convém»
 Tres vezes toca o sino, á tarde, e por tres vezes,
 E diz com voz sonora: «a tarde ja hi vem.»

E diz primeiro toque: o dia vae morrendo,
 A luz ja te fallece—enchuga o teu suor.
 O sino outra vez brada, e accorda no meu peito
 Do Deus, que ama o humilde, o meu intenso amor.

E diz-me inda o terceiro: illudes a esperanza
 Que o ceu em ti cimenta? cumpres teu dever?
 Tres vezes toca o sino, á tarde, e por tres vezes—
 É mudo o passarinho, e nada pôde ver.

E diz o quarto: pede a Deus a tempo e horas
 Constancia e robustez p'r'o rudo trabalhar:
 A quinta voz badalla: ó vazo de misérias;
 Alembra-te que és pô, e em pó te has de tornar!

Com sancto horror murmura a sexta badallada:
«Não contes co'os seis dias que inda estão por vir.»
Tres vezes toca o sino, á tarde, e por tres vezes:
Tu'hora está vizinha—pude acaso ouvir?

A setima pancada o ar vibra sonora,
Do Padre-nosso os sete votos remurmura.
E diz o outavo toque: subam nossas preces
Co'a myrrha que no altar fumega sancta e pura.

Sé prompto toda a vida, o nono toque disse,
Porque debes correr se Deus te disser: «Vem!»
Apoz o murmurar do sino, que emudece,
Murmura a natureza ainda um sancto «Amen».

INDICE

DO

VOLUME SEGUNDO.

ADVERTENCIA.

7 PAG.

TRAGEDIA.

A Noiva de Messina. 11

POESIAS.

A triste flor—de Victor Hugo.	181
Profecia do Tejo (trad. do hespanhol).	185
Tens joias diamantes — de H. Heine .	191 .
Vem, ó bella gondoleira—de	193
Não te diz meo rosto pallido—de	195
Tenho veneno nos versos - de	197
Ambos se amavão — de	199
Lyrio e rosa—de Herder.	201
Fortifica-me, ó Deos (trad. do allemão).	203
A camisa encantada—de Uhland.	205
O amen das pedras—de Rosegarten.	209
Soneto—de Rolli.	211
Sobolos rios—de Lope da Vega	213
O anjo dos olhos negros — de Emilio Adet.	217
Canto sexto do Purgatorio—de Dante.	219

APPENDICE.

Moysés no Nilo—de Victor Hugo—trad. de Trajano G. de Carvalho.	225 PAG.
Moysós, poema por Alfredo de Vigny—	229
A filha de Jephthe por de —	235
A morte de J. B. Rousseau - de F. de Pompignan —	239
O caçador e a leiteira de Beranger	243
Os mandamentos do crepusculo —	245

FIM DO INDICE.

ERRATA.

PAG.	LINHA.	ERRO.	EMENDA.
7	8	enfermidade	enfermidade,
	9	encurtar-lhe os dias	encurtar-lhe os dias.
15	1	da areia a correr.	da areia o correr
125	19	Nado	Nada





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).